

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO



# PARQUE DAS ARAUCÁRIAS: PARQUE AMBIENTAL NA SERRA CATARINENSE

GRADUANDA: MARIA CLARA LACERDA CRIPPA  
ORIENTADOR: RICARDO SOCAS WIESE

FLORIANÓPOLIS, 2022



“First life, then spaces, then buildings,  
the other way around never works”  
(Jan Gehl)

À minha família, em especial, à minha mãe, por todo apoio, amor e incentivo recebidos incondicionalmente.

---

Agradeço,

Aos meus pais, Grecieli e Jefferson, por proporcionarem, ao longo de toda minha jornada, acesso à educação e saúde, construção de caráter e todo o amor e compreensão. São meus maiores exemplos. Amo vocês!

À minha irmã, Luíza, pela união que temos, pelo apoio, carinho e cumplicidade que compartilhamos.

Aos meus familiares, em especial, meus avós, por acreditarem no meu potencial, me ensinarem a lutar por aquilo que acredito e por partilharem valores indispensáveis para a vida. Lídia e José Antônio, avós maternos, por estarem diariamente comigo, dedicando tempo, amor e inspirações - inclusive para este TCC! Bernardete, avó paterna, pela força, amor e alegria que sempre dividimos.

À minha tia-madrinha, Camila, e ao meu tio-padrinho, Israel, por toda confiança, carinho, acolhimento e atenção que sempre me concedem.

Ao meu professor orientador, Ricardo, por todos os ensinamentos e orientações fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço a atenção, a confiança, as ideias e inspirações que, certamente, contribuíram muito.

À bióloga Michelle Pelozato, pela abertura, recepção, disposição e auxílio com as informações sobre o funcionamento do Parque Natural Municipal João José Teodoro da Costa Neto.

A todos os meus queridos amigos e colegas, em especial Victor e Renata, por estarem sempre comigo durante a graduação, compartilhando momentos de alegria, de esforço, de apoio, de emoção e de trabalho diariamente.

À Universidade Federal de Santa Catarina e aos professores do Departamento de Arquitetura e Urbanismo, por buscarem o ensino de qualidade, a formação profissional e o diálogo com os alunos.

Por fim, a todos amigos, familiares e colegas que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

## 1. INTRODUÇÃO

- MOTIVAÇÃO
- APRESENTAÇÃO E OBJETIVO GERAL
- MACROLOCALIZAÇÃO

## 2. ANÁLISE HISTÓRICA

- APROPRIAÇÃO DO TERRITÓRIO E CONTATO COM A MADEIRA NA SERRA CATARINENSE
- SERRA CATARINENSE
- LAGES

## 3. TURISMO

- TURISMO ECOLÓGICO
- ROTEIROS TURÍSTICOS EM SANTA CATARINA
- TURISMO NA SERRA CATARINENSE

## 4. UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

- O QUE É UMA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO?
- O QUE É UM PARQUE NATURAL MUNICIPAL?
- ESTUDO DE CASOS
  - PARQUE NATURAL MUNICIPAL META DO RIO URUGUAI TEIXEIRA SOARES
  - PARQUE ESTADUAL DO CARACOL
  - BOSQUE ZANINELLI - UNIVERSIDADE LIVRE DO MEIO AMBIENTE

## 5. ÁREA DE INTERVENÇÃO - PARNAMUL

- PARNAMUL
  - CARACTERIZAÇÃO E LOCALIZAÇÃO
  - PARNAMUL E SEU ENTORNO
- PLANO DE MANEJO PARTICIPATIVO
  - DIRETRIZES PARA PLANEJAMENTO DA UC
  - DIRETRIZES PARA INTERVENÇÕES ARQUITETÔNICAS
  - ZONEAMENTO ATUAL

## 6. PROBLEMÁTICAS E OBJETIVOS

- ORGANOGRAMA SÍNTESE DAS PROBLEMÁTICAS E DOS OBJETIVOS

## 7. PROPOSTA PARA ÁREA DE INTERVENÇÃO

- DIRETRIZES DE PROJETO
  - O QUE É UM PARQUE AMBIENTAL?
- DEFINIÇÃO DE ÁREAS ESTRATÉGICAS
- PARQUE DAS ARAUCÁRIAS: PARQUE AMBIENTAL NA SERRA CATARINENSE
- PROGRAMA DE ATIVIDADES
  - IMPORTÂNCIA DO ESCOTISMO

## 8. O PROJETO

- PRINCÍPIOS E CONCEPÇÃO
- PAISAGISMO
- IMPLANTAÇÃO GERAL
- PARADOURO DOS TROPEIROS
- ALDEIAS DA SERRA
- PRAÇA DA UNIÃO
- RECANTO DA MADEIRA
- ESTAÇÃO DA GRALHA-AZUL

## 9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

- CONSIDERAÇÕES FINAIS

## 10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## Motivação

O curso de Arquitetura e Urbanismo foi, sobretudo, um grande desafio para mim. Foi um período de profunda dedicação e autoconhecimento para lidar com o “desconhecido”. Por trás de cada projeto, há uma intensa pesquisa. E para realizá-la, é necessário aprender e desenvolver a capacidade de percepção e de conhecimento técnico, para trabalhar não apenas com o espaço físico, mas também com tudo que ele representa para a escala urbana e a escala humana.

Aprendi a ver o mundo e os espaços que nos cercam de uma forma diferente. Valorizar a nossa profissão, é também, sobre entender que temos a capacidade de proporcionar espaços singulares aos cidadãos, promovendo a democratização de um espaço urbano de qualidade e sustentável.

Para o desenvolvimento deste trabalho, busquei integrar as minhas principais motivações a fim de construir a temática principal. Em primeiro lugar, o desejo de projetar para a cidade que passei boa parte da infância e adolescência, assim como, mantenho a minha convivência familiar: a cidade de Lages. Em segundo lugar, o interesse em exaltar a importância da natureza, das paisagens naturais e da sustentabilidade em projetos arquitetônicos. Em terceiro, a ideia de trabalhar com um equipamento que valorize o espaço de lazer e a atividade de turismo, conforme os anseios da sociedade local. E, por fim, o apreço por trabalhar com a madeira e sua aplicabilidade - um material tão importante para a história da região e para a construção.



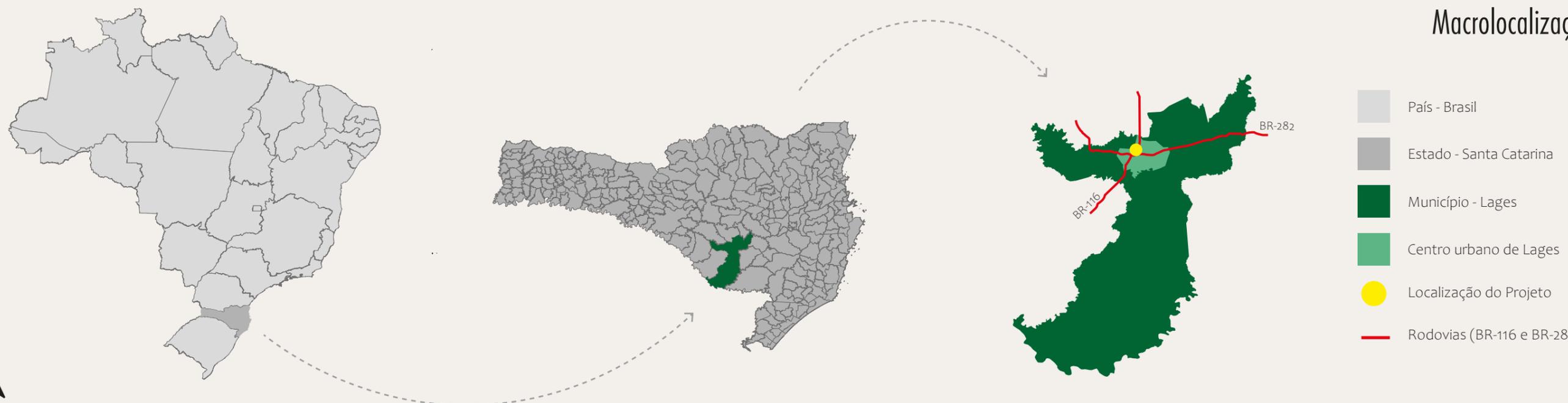
Levando em consideração as motivações iniciais, foram iniciadas pesquisas relacionadas aos temas pertinentes, como uma análise histórica da região e a busca por possíveis locais de intervenção. E, conseqüentemente, começou a construção da temática central do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – um parque ecológico e ambiental na Serra Catarinense. Trata-se de uma narrativa, que começa entendendo a riqueza natural que a Serra Catarinense possui, em especial as atuais Unidades de Conservação (UCs), como e por quem foram apropriadas. Além disso, foi analisado, conjuntamente, o ciclo da madeira de araucária e os problemas ambientais que acarretaram na devastação de grandes extensões dessas florestas e no massacre de grupos indígenas, rompendo fortemente suas heranças socioculturais.

Ademais, com o acelerado crescimento e a expansão urbana, torna-se imprescindível pensar na preservação da natureza e no equilíbrio da ocupação urbana. Assim, o trabalho pretende analisar como preservar a memória do processo histórico e a riqueza ambiental do Parque Natural Municipal João José Theodoro da Costa Neto (PARNAMUL) – uma Unidade de Conservação em Lages, Santa Catarina. Ainda assim, como transformá-lo, efetivamente, em um parque integrado com a estrutura urbana da cidade e da região, com os demais equipamentos urbanos e com a sociedade.

Sendo assim, o objetivo geral deste trabalho foi definido com o seguinte questionamento:

**Como garantir a preservação ambiental do Parque Natural Municipal João José Theodoro da Costa Neto e efetivá-lo como espaço público de lazer, de obtenção de conhecimento e de integração com a sociedade?**

## Macrolocalização



## Apropriação do Território e Contato com a Madeira na Serra Catarinense

Com o intuito de compreender o desenvolvimento urbano da região, os grupos sociais envolvidos desde a pré-colonização e a importância da madeira no Planalto Serrano, elaborou-se uma análise-síntese, na forma de linha do tempo dinâmica, com alguns dos principais acontecimentos e relações socioeconômicas dos períodos estudados (pré-colônia; colonização; Brasil independente; e sociedade contemporânea).

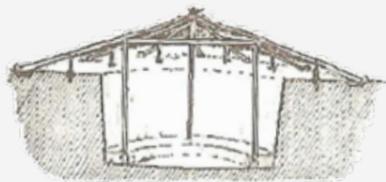
A princípio, é necessário entender que a apropriação do território e o contato com a madeira na Serra Catarinense ocorreram gradualmente, mediante muitas lutas e interesses políticos, econômicos e sociais de diferentes grupos.

Desde a pré-colonização, as florestas de araucárias têm função importante para as relações com a sociedade, visto que os grupos indígenas que habitavam os planaltos e a Serra Catarinense, conhecidos como kaingangs e xoclings, definiam seus territórios a partir das inter-relações com o meio ambiente, extraíam seus alimentos com a caça e a coleta de pinhões e desenvolveram técnicas construtivas singulares para habitar o local. A partir da colonização, os índios foram sendo dizimados de forma violenta – principalmente pelos “bugreiros” –, estradas foram abertas conectando a Serra com o litoral e, com as Rotas dos Tropeiros, as primeiras vilas da região se estabeleceram.

### Kaingangs e Xoclings

- Ocupação de Planaltos: as definições e limites de seus territórios estão relacionadas com o meio e a inter-relação entre eles.

- Arquitetura e Construção: casas circulares escavadas na terra com dimensões variáveis entre 2m e 13m de diâmetro, e profundidades médias entre 2,5m e 5m. Cobertura de folhas sustentada por armação em madeira e uso de pedra e madeira na estrutura. Existiam unidades isoladas e outras que formavam parte de agrupamentos ou "aldeias". A técnica era engenhosa e os protegiam de ventos gelados e invernos rigorosos.



### Território

Os grupos indígenas viviam da caça, coleta de frutas, mel e pinhão; tinham tecnologia de construção e armazenamento de alimentos. Precisavam de vasto território. Os colonizadores desejavam a apropriação das riquezas naturais e povoamento do território de passagem dos tropeiros.

### "Bugreiros"

Homens mandados por colonos para matar os "bugres". Houve extermínio violento, dizimando silvícolas e modificando a cultura e a tradição locais.

### As Tropas

- Constituídas por: a égua-mãe (que "comandava" as mulas); os tropeiros (alguns iam montados a cavalo e outros a pé); os escravos e índios (ajudavam os tropeiros a desvendar os caminhos); as mulas (que possuíam maior resistência física que os cavalos).

- Os tropeiros realizavam a travessia de gado e outros produtos mercantis entre o Sudeste e o Sul do Brasil.



Fonte: Silveira (2005)

### Infraestrutura

- Construção de estradas + colonização = duas faces da mesma moeda  
- Vencida a barreira natural entre a serra e o planalto: povoamento no "sertão"

### Economia

- Predomínio de grandes propriedades, pecuária e trabalho escravo. Economia de subsistência, pouco dinâmica.  
- Lages: ponto de espera constante das tropas.

PRÉ-COLÔNIA

COLONIZAÇÃO

1494

1500

1675

1728

1730

1771

1787

Tratado de Tordesilhas

Desterro

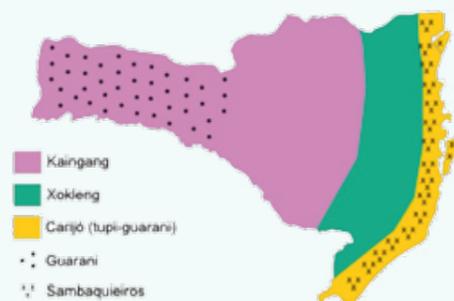
Estrada dos Conventos

Rota dos Tropeiros

Lages

Conexão Planalto-Litoral

Povos indígenas em SC (localização original)



Fundação de Nossa Senhora do Desterro (Florianópolis)

Primeira via de comunicação terrestre aberta no século XVIII, que passava pela Capitania de Santa Catarina no trajeto entre a Colônia de Sacramento e Sorocaba.

O caminho assinalava que os jesuítas já haviam passado por ali em suas missões.

Surge o primeiro traçado do Caminho dos Tropeiros.

Com os anos foram surgindo diferentes ramais entre RS e MG, passando pela Serra Catarinense.

Fundação de Nossa Senhora dos Prazeres de Lages

Capitão Antônio José da Costa - Início da construção da estrada entre Desterro e a vila de Lages para fins militares de combate a invasões espanholas.

Caminho se tornou importante para escoamento de produtos.

## Apropriação do Território e Contato com a Madeira na Serra Catarinense

Já durante o Brasil independente, o ciclo da madeira de araucária se intensificou no estado. Primeiramente no oeste e meio-oeste e, em seguida no planalto serrano, com um número crescente de serrarias e indústrias da madeira. Com isso, a cidade de Lages, principal município da Serra, se torna um polo atrativo e, a partir da década de 1940, passa por uma revolução cultural com mudanças sociais, culturais e econômicas (SILVEIRA, 2005). Além disso, a miscigenação e as transformações ambientais e paisagísticas também são perceptíveis; o turismo rural despontou; e o setor madeireiro passou por um período de transição sob normas e restrições, explorando, então, a madeira exótica de reflorestamento.

Atualmente, a madeira é tida como um material versátil, inovador e sustentável para o setor da construção civil – que busca novas soluções aplicadas à tecnologia. Para entender o cenário atual, é preciso conhecer todo o processo histórico que permitiu alcançar os resultados expressivos. Afinal, existe uma memória que precisa ser preservada.



Fonte: Silveira (2005)

Serraria em SC - fim do século XIX



Fonte: Silveira (2005)

Transporte da madeira da Serra Catarinense, o ouro dos anos 40, 50 e 60

### Caçador

- 1918: "Ciclo da Madeira da Araucária" no Oeste e Meio-oeste, com a empresa Lumber Co.
- 1934: criado o município de Caçador, que já possuía 18 serrarias.

### Lages

- Déc. 30: construção de importantes serrarias.
- Déc. 40: "Ciclo da Madeira da Araucária" na Serra Catarinense. Porém, como ainda faltava infraestrutura (energia e estradas adequadas), a agropecuária continuava mais forte.
- 1942: 28 serrarias em Lages.

### Investidores

- Corrida pelo "ouro" da Serra catarinense: aproveitamento da quantidade prodigiosa de pinheiros, visto que as reservas do Rio Grande do Sul e do Oeste estavam exaurindo; e o mercado nacional e internacional valorizavam cada vez mais.
- Lages e Bom Retiro crescem com as serrarias e as pastas mecânicas de papel

### IBAMA

- 1990 - Fica proibido cortar o pinheiro brasileiro (araucária) na Serra Catarinense.

### Transição

- Passa-se a explorar mais a madeira exótica de reflorestamento, ao invés da madeira nativa de araucária.

### Madereiras

- Crescimento de empresas exportadoras e destaque para o mercado internacional

### Tecnologia e Sustentabilidade

- Novas soluções de madeira engenheirada aparecem no mercado.

### Arquitetura e Construção Civil

- A madeira como material versátil, inovador e sustentável.

### Turismo Rural

- Valorização da Serra Catarinense com atividades de Ecoturismo.

## BRASIL INDEPENDENTE

## SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA



Fonte: Carpinteria Estruturas de Madeira

## Serra Catarinense

Considerada a região mais fria do Brasil, a Serra Catarinense é um polo do turismo rural e do ecoturismo, atraindo pessoas, principalmente, por suas riquezas naturais – que englobam, por exemplo, os grandes cânions, as cachoeiras, os vales, as precipitações em forma de neve e as serras – e suas riquezas culturais – como a gastronomia típica, com o pinhão, o ponche e o entreveiro; e os eventos, como a Festa do Pinhão.

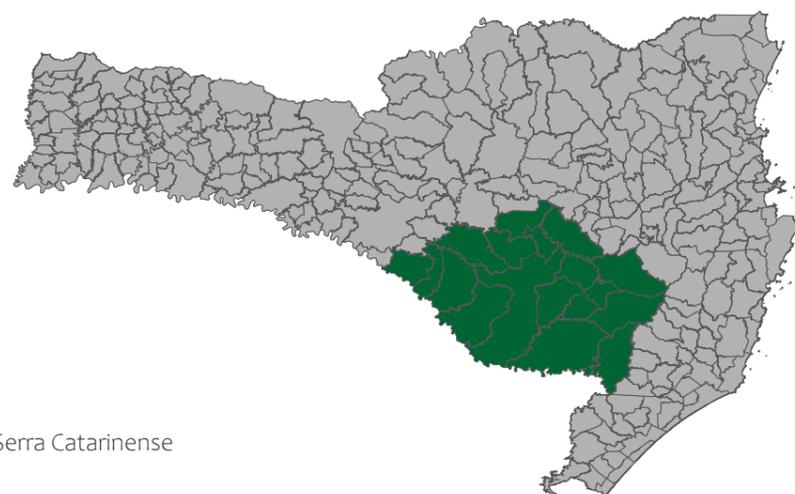
O Planalto Serrano está localizado a cerca de 100 quilômetros do litoral e, de acordo com os dados da Associação de Municípios da Região Serrana (AMURES), é composto por 18 municípios: Anita Garibaldi, Bocaina do Sul, Bom Jardim da Serra, Bom Retiro, Campo Belo do Sul, Capão Alto, Cerro Negro, Correia Pinto, Lages, Otacílio Costa, Paineira, Palmeira, Ponte Alta, Rio Rufino, São Joaquim, São José do Cerrito, Urubici e Urupema – sendo Lages e São Joaquim as principais cidades. Além disso, a região possui clima subtropical, registrando temperaturas inferiores a zero durante o inverno, e abrange altitudes entre 800 metros e 1828 metros – sendo o Morro da Boa Vista (1827 metros de altitude) o pico.

Em relação a vegetação, o local conta com forte presença da Mata das Araucárias, ou dos Pinhais, que são plantas do tipo coníferas, e da Mata Atlântica, sendo esta uma mata mais densa, a qual, hoje, grande parte se encontra conservada em parques ou áreas de proteção ambiental. No entanto, boa parte da vegetação foi suprimida com os desmatamentos que ocorreram, ao longo da história, para o uso da madeira no setor industrial, na construção civil e no uso intensivo da agropecuária. Dentro das atividades econômicas, a Serra Catarinense contempla, sobretudo, a pecuária, a agroindústria e a indústria florestal.

Com o intuito de promover o desenvolvimento do setor florestal e ser referência como organização representativa no setor madeireiro do Estado de Santa Catarina, o Sindimadeira – Associação dos Produtores de Madeira da Região Serrana – começou sua história em meados de 1945, e, em 1957, a Associação foi reconhecida oficialmente como Entidade Sindical pelo então Ministério de Estado dos Negócios do Trabalho, Indústria e Comércio. Atualmente, o Sindimadeira conta com 42 empresas associadas e busca enfatizar a responsabilidade socioambiental, a qualidade e a sustentabilidade. Dessa forma, empresas como a Boa Esperança, em Capão Alto, a Madeireira Rodrigues, em Correia Pinto, e a Ekomposit, em Lages, apresentam ações para reduzir impactos ambientais, revitalizar as florestas e recriar conceitos arquitetônicos – como por exemplo, as soluções em madeira engenheirada.

### Municípios da Serra Catarinense

\* Elaboração própria



 Municípios da Serra Catarinense



\* Registro fotográfico pela autora, no PARNAMUL, 2021.

## Lages

Apontada como a capital da Serra Catarinense e a pioneira no turismo rural, Lages está localizada em ponto estratégico de entroncamento rodoviário, identificado como corredor turístico, sendo cortada pelas rodovias federais BR-116 (na direção norte-sul) e pela BR-282 (na direção leste-oeste). Ademais, inclui a malha ferroviária que era operada pela ALL (América Latina Logística), única estação de Santa Catarina no Tronco Sul (ligação entre São Paulo e Rio Grande do Sul), que, futuramente poderá ser reativada e favorecer o comércio nacional, bem como as exportações.

Historicamente, durante a colonização, o território, que antes era ocupado por kaingangs e xocleings, passou a abrir estradas importantes para o Caminho dos Tropeiros. Assim, surgiu o primeiro povoamento dos “Campos das Lajens”, que serviu de pouso e mantimento para os tropeiros durante as rotas entre o Rio Grande do Sul e São Paulo ou Sorocaba. Em 1766, passou a se chamar Nossa Senhora dos Prazeres das Lajens, pelo fundador Antônio Correia Pinto, devido à abundância da pedra laje, e em 1771 foi elevada à categoria de “vila”. No entanto, apenas em 1820, passou a pertencer à Capitania de Santa Catarina – antes pertencia à Capitania de São Paulo – e, em 1860 se configurou como “cidade”, chamada de Campos de Lajens. Um século depois, em 1960, passou a se chamar Lages, com o topônimo “C”.

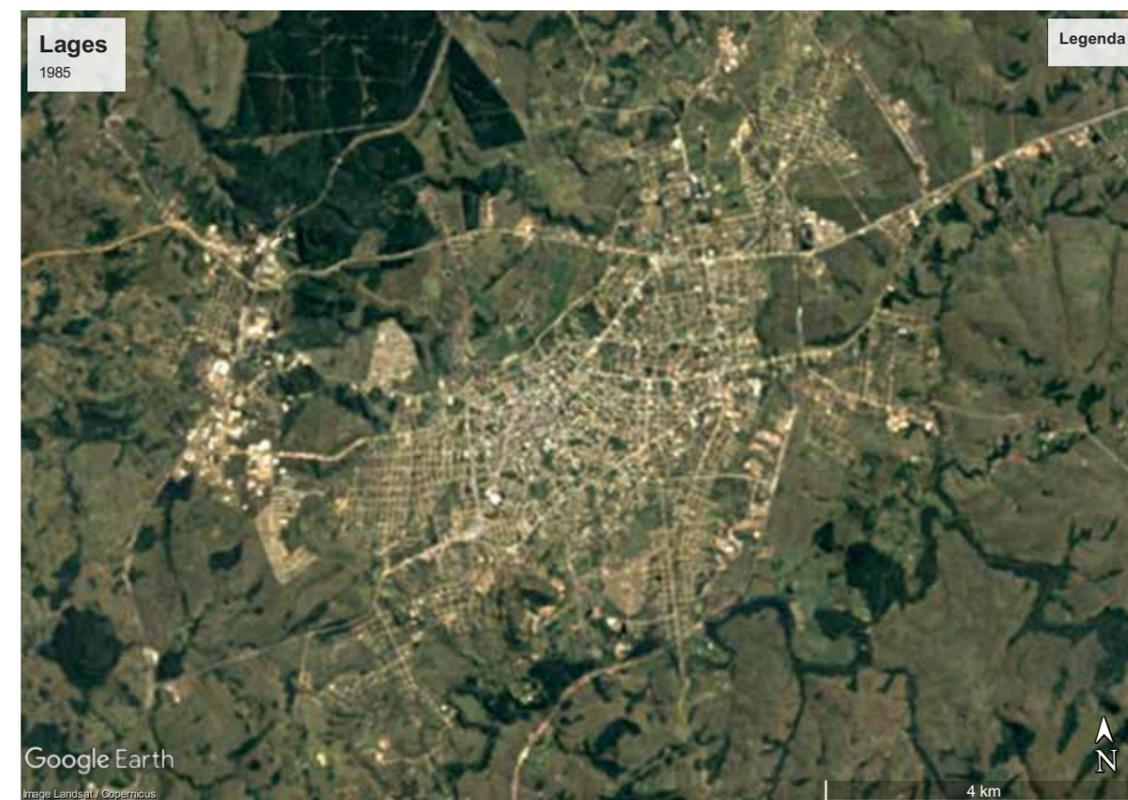
De acordo com o estudo e diagnóstico-síntese elaborado com a linha do tempo, percebe-se que o município se fortaleceu economicamente com a agropecuária, as fábricas de papel e celulose e a indústria madeireira – sobretudo, com o ciclo da madeira na região. Contudo, em meados da década de 1970, com o pinheiro nativo se tornando cada vez mais escasso, houve uma grande redução das atividades, e conseqüente movimento migratório dos trabalhadores para a cidade – que não estava planejada para absorver o fluxo. Sendo assim, uma crise socioeconômica é instaurada na cidade e os caminhos rumaram à uma mudança política – depois de tantos anos – que trouxe Juarez Furtado (eleito pelo MDB) à prefeitura.

Com a transição, e também com os ideais do “milagre econômico” que o país mantinha, o então prefeito e seu vice, o arquiteto e urbanista Dirceu Carneiro, buscaram políticas de desenvolvimento urbano-industrial, e Lages conseguiu atingir, aos poucos, a modernização e a participação popular. Assim, na cidade, a população ajudou a criar um novo modelo econômico e social para superar a crise e se tornou referência nacional com sua “democracia participativa”, que posteriormente também inspirou as práticas dos orçamentos participativos.

Conforme a análise da população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2020, a cidade possui 157.349 pessoas, grau de urbanização superior à 90% (2010) e é a capital regional. É uma cidade campeira, com gastronomia típica gaúcha e italiana e berço de eventos culturais, como a Festa Nacional do Pinhão. Quanto às atividades econômicas, 5,4% dos estabelecimentos estão ligados a agropecuária, 15,4% à indústria, 37,7% ao comércio e 41,6% são do setor de prestação de serviços – conforme o documento “Cidade Empreendedora – Lages em números – Edição 2017”, produzido pela SEBRAE.

Dentre os oito segmentos econômicos estratégicos apresentados pela SEBRAE com base na sua importância quanto ao volume de empresas, empregos e valor adicionado, encontram-se a produção florestal (pinus e eucalipto) e a fabricação de produtos de madeira – que enfatizam a relevância da abordagem deste trabalho.

Com relação à estrutura urbana de Lages, nota-se que a cidade se expandiu, a partir de seu centro fundador com a igreja matriz, ao longo do Rio Carahá, formando um anel viário urbano que se estende às áreas mais periféricas, com a Avenida Belizário Ramos. Ademais, há a conexão com outras avenidas que distribuem o acesso pela cidade, como a Avenida Presidente Vargas para o bairro Coral e a Avenida Luiz de Camões para os bairros ao norte da BR-282.



Evolução do Centro Urbano de Lages - 1985 e 2021

Fonte: Google Earth

### Roteiros Turísticos em Santa Catarina

Segundo o levantamento de dados e o diagnóstico “Caderno de Rotas Estratégicas Setoriais para a Indústria Catarinense em 2022 – Turismo” realizado pela parceria entre a FECOMÉRCIO SC, a SEBRAE/SC e a FIESC, o turismo já é considerado de importância socioeconômica vital para Santa Catarina, representando 10% da geração de riqueza do estado. Esse Caderno faz parte do Programa de Desenvolvimento Industrial Catarinense (PDIC2022), idealizado pela FIESC, que visa a articulação entre o setor público e privado para alavancar Santa Catarina no panorama nacional e internacional.

O plano foi embasado também no conceito de integração, visando operacionalizar estrategicamente o território e alcançar eficiência coletiva, baseada na estratégia, nos recursos financeiros e na mobilização – a exemplo do Plano 2020 do Turismo de Portugal, que resultou na composição integrada de sete regiões turísticas (Norte, Centro, Lisboa, Alentejo, Algarve, R.A. Açores e R.A. Madeira).

Em Santa Catarina, o turismo tem potencial competitivo. Além de gerar emprego, o estado possui infraestrutura terrestre e portuária, e aeroportos que atendem todas as regiões. Assim, o plano tem como visão que essa vantagem possa “ser reconhecida internacionalmente como destino turístico sustentável, inovador e competitivo, que proporciona experiências diversificadas e memoráveis”. Dessa forma, foram estabelecidas 12 regiões turísticas em Santa Catarina (Caminho dos Canyons, Caminho dos Príncipes, Caminhos da Fronteira, Caminhos do Alto Vale, Costa Verde & Mar, Encantos do Sul, Grande Florianópolis, Grande Oeste, Serra Catarinense, Vale das Águas, Vale do Contestado e Vale Europeu), e cada uma busca exaltar suas riquezas naturais, culturais e sociais.



De acordo com o Ministério do Meio Ambiente, o “turismo ecológico” ou “ecoturismo” tem por conceito ser “um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista por meio da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações”.

Sendo assim, entende-se que este ramo do turismo está fundamentado em conceitos de conservação, de sustentabilidade e de educação ambiental, visando a prática de atividades que valorizem o contato com natureza e a obtenção de conhecimento. Para isso, é preciso promover o uso consciente do patrimônio natural e cultural a longo prazo, através de estudos de viabilidade econômica e adequação com as comunidades locais. Conforme a Organização Mundial do Turismo (1999), o turismo sustentável interliga as necessidades do turista com as das regiões receptoras, ampliando futuras oportunidades. Dessa forma, abrange a gestão dos recursos socioeconômicos, mantendo a integração com o meio ambiente, a diversidade biológica, as comunidades locais e os aspectos culturais; além de respeitar as questões de fragilidade que podem estar envolvidas.

Desse modo, o Ecoturismo envolve diversas atividades, como caminhadas, trilhas ecológicas, acampamentos, ciclismo, tirolesa, passeios a cavalo, escalada, rapel, mergulho, montanhismo, dentre outras. São atividades que, sobretudo, ativam as sensações de bem-estar relacionadas com o contato entre o ser humano e a natureza.



## Turismo Ecológico na Serra Catarinense

Um destino singular. A Serra Catarinense é apontada como umas das Rotas Estratégicas para o turismo no estado e, conforme o “Caderno de Rotas Estratégicas Setoriais para a Indústria Catarinense em 2022 – Turismo”, as potencialidades são: Turismo de Orla (pesca em rios e lagos), Parques Temáticos (pequenos empreendimentos, parques aquáticos e de aventura), MICE (sigla em inglês para encontros, incentivos, conferências e feiras) – pequenos, médios e grandes espaços de eventos, Regiões Históricas e Turísticas (miscigenação cultural, religiosa, vitivinicultura), Turismo em Áreas Naturais (Floresta de Araucária, Mata Atlântica, Parque Nacional de São Joaquim).

Sendo assim, o turismo ecológico é fundamental na região, que conta com diversos lugares e atividades voltadas à conexão com a natureza e à sua preservação. Atualmente, alguns dos destinos são:

- Serra do Rio do Rastro – localizada no município de Lauro Muller, faz conexão entre o litoral e a serra catarinense através de um percurso de 12 quilômetros, com várias curvas fechadas e subidas íngremes. Além disso, durante o percurso, é possível visualizar penhascos, paredões de rochas cobertos por matas e cachoeiras.

- Morro da Igreja – localizado no município de Urubici, possui 1822 metros de altitude e é considerado o ponto habitado mais alto do sul do Brasil. De lá, é possível ver diversas paisagens naturais cênicas e a Pedra Furada (outro cartão-postal da região).

- Cascata Véu de Noiva – localizado no município de Urubici, a cascata possui a base de formação rochosa em basalto e a queda da cascata é de 62 metro de altura, formando na paisagem uma imagem similar ao véu de uma noiva.

- Parque de Aventuras Pedras Brancas (antigo Adventure Park Lages) – localizado no município de Lages, é um parque voltado ao ecoturismo, com atividades que englobam tirolesa, escalada, passeio de quadriciclo, dentre outros.

- Parque Eólico – localizado no município de Bom Jardim da Serra, foi inaugurado em 2011 e possui 62 aerogeradores no topo do cânion da Ronda, configurando uma bela paisagem e valorizando a energia renovável.

- Snow Valley Experience Park – localizado no município de São Joaquim, foi planejado pelo norte-americano Edgar Leland Butterfield para ser um Parque Ecológico de exploração turística. O Parque contempla um amplo programa de atividades, dividido em quatro segmentos: English Immersion, Adventure Park, Eco Lodge Cabanas e Wood Restaurante e Cafeteria.



Visual da Serra do Rio do Rastro



Trilha Sensorial no Snow Valley Experience Park

## O que é uma Unidade de Conservação?

Segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC), criado em 2000, a definição de Unidade de Conservação é

“espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção”

O Sistema Nacional de Unidades de Conservação estabelece, através de normas e regulamentações, as formas para implantação, planejamento e administração das Unidades de Conservação (UC) do país, sendo divididas dentro das esferas federal, estadual e municipal. Além disso, o SNUC traça os objetivos gerais e específicos – de acordo com suas particularidades – a fim de potencializar seu uso sustentável e conservar suas amostras de biodiversidade. Sobretudo, os propósitos são: conservação das espécies e seus recursos genéticos (1); proteção de espécies ameaçadas de extinção (2); preservação e restauração da biodiversidade dos ecossistemas naturais (3); desenvolvimento sustentável com base nos recursos naturais (4); proteção das paisagens e suas peculiaridades (5); propiciar atividades de pesquisa científica, educação, recreação e monitoramento ambiental (6); e valorizar, dentro das esferas econômica, social e cultural, a diversidade biológica (7). (SNUC, 2000)

Ainda assim, podem ser divididas em dois grupos: as **Unidades de Proteção Integral**, cujo objetivo principal é a preservação da natureza, permitindo o uso indireto dos recursos naturais; e as **Unidades de Uso Sustentável**, que buscam conciliar a preservação da natureza com o uso sustentável de parte de seus recursos naturais. Enquanto as Unidades de Proteção Integral abrangem Estação Ecológica, Reserva Biológica, Parque Nacional, Monumento Natural e Refúgio de Vida Silvestre; as Unidades de Uso Sustentável compreendem as categorias de Área de Proteção Ambiental, Área de Relevante Interesse Ecológico, Floresta Nacional, Reserva Extrativista, Reserva de Fauna, Reserva de Desenvolvimento Sustentável e Reserva Particular do Patrimônio Natural. (SNUC, 2000)

Visando alcançar seus objetivos, cada Unidade de Conservação deve elaborar um **Plano de Manejo**, revisto a cada 5 anos, de forma que abranja a área da unidade de conservação, a sua **zona de amortecimento** e seus **corredores ecológicos**. Ademais, deve-se estabelecer seu zoneamento e normas para o uso e manejo da área. Conforme o SNUC, a zona de amortecimento é:

“o entorno de uma unidade de conservação, onde as atividades humanas estão sujeitas a normas e restrições específicas, com o propósito de minimizar os impactos negativos sobre a unidade” (SNUC, 2000)

## O que é um Parque Natural Municipal?

Conforme especificado no SNUC, um Parque Natural Municipal (PNM) é uma Unidade de Conservação de Proteção Integral, que visa os propósitos descritos anteriormente para preservar seus ecossistemas, sua paisagem e promover educação ambiental e turismo ecológico. Ademais, são áreas de domínio público e quaisquer áreas particulares dentro do território considerado PNM poderão ser desapropriadas, de acordo com a Lei. (SNUC, 2000)

O funcionamento da Unidade de Conservação deverá seguir as normas e restrições determinadas no seu Plano de Manejo; sendo assim, a visitação, as atividades, a administração e o funcionamento de cada Parque ficam condicionados às condições previstas em tal regulamento. Como mencionado, a Unidade de Conservação atrelada ao projeto desenvolvido neste TCC é o Parque Natural Municipal João José Teodoro da Costa Neto (PARNAMUL), que desenvolveu o Plano de Manejo Participativo do Parque Natural Municipal João José Teodoro da Costa Neto em 2006 – que não foi atualizado desde então.



\* Registro fotográfico pela autora, no PARNAMUL, 2021.

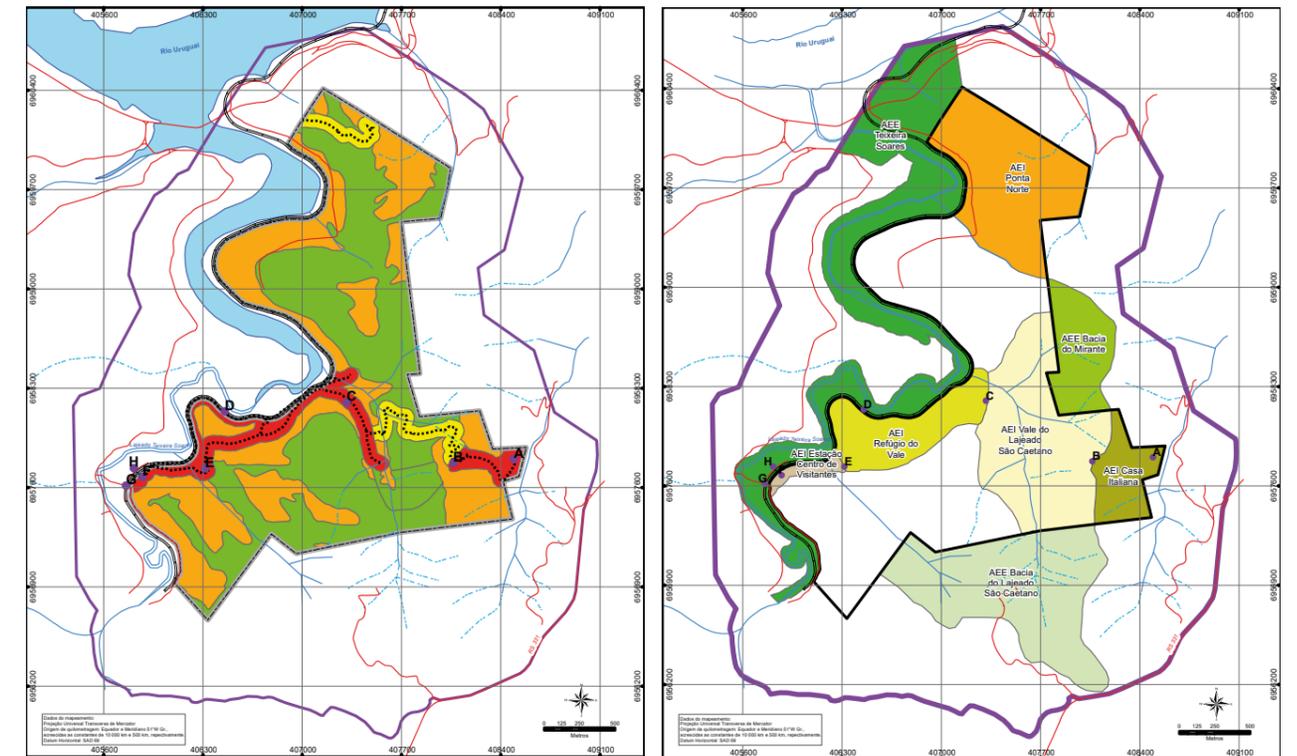
## Estudo de Caso: Parque Natural Municipal Meta do Rio Uruguai Teixeira Soares

Localizado no município de Marcelino Ramos, no Rio Grande do Sul, na divisa com Santa Catarina, o Parque Natural Municipal Meta do Rio Uruguai Teixeira Soares possui área de 423,361 ha e abrange bioma e ecossistemas do domínio da Mata Atlântica – Floresta Estacional Decidual (Floresta do Rio Uruguai).

O nome do parque faz menção ao nome do rio que margeia a Unidade de Conservação, o Rio Uruguai, e homenageia o engenheiro João Teixeira Soares, quem propôs a implantação da ferrovia que ligava o Rio Grande do Sul a São Paulo. Além disso, a construção da estrada pela Brazil Railway Company tem sua história relacionada ao ciclo madeireiro na região, já que o governo brasileiro da época autorizou a empresa a explorar o material pela extensão de 15 quilômetros de cada lado da estrada. Com os desdobramentos, grande parte da população da região foi expulsa de suas terras e, posteriormente, envolveram-se na Guerra do Contestado (1912-1916). O trecho ferroviário marcou o desenvolvimento urbano do local, com o setor econômico voltado para a agroindústria; no entanto, Marcelino Ramos é um município pequeno, com população estimada, pelo IBGE (2020) de 4.319 habitantes.

Conforme o Plano de Manejo do Parque, finalizado em 2011 com participação e engajamento dos moradores, a área de influência compreende o município de Marcelino Ramos, a bacia hidrográfica do Rio Teixeira Soares e os municípios de Gaurama (RS) e Viadutos (RS). O plano busca nortear todas as ações de manejo e gestão dessa Unidade de Conservação, que foi habitada por kaingangs e xoclangs até meados do século passado, quando foram expulsos pelos colonizadores e exploradores de madeira e erva-mate. Para sua elaboração, foram desenvolvidos mapas temáticos do meio físico (pedológico, geomorfológico, de uso do solo, de declividade e hipsométrico) e levantamento de dados do meio biótico, a fim de garantir a significância de preservação do ecossistema florestal ameaçado.

Assim, o objetivo superior proposto pelo Plano de Manejo (2011) é “conservar uma amostra da Floresta Estacional Decidual (Floresta do Rio Uruguai) e mobilizar a opinião pública para a valorização e conservação da mesma”. Em seguida, foram estabelecidas as diretrizes de planejamento com base nos pontos positivos e negativos levantados e, foi feito o zoneamento do Parque e sua divisão em áreas estratégicas externas (AEE) e internas (AEI), com o intuito de alcançar os objetivos.



**Zoneamento**

Fonte: Plano de Manejo do Parque Natural Municipal Meta do Rio Uruguai Teixeira Soares

**Áreas Estratégicas**

Fonte: Plano de Manejo do Parque Natural Municipal Meta do Rio Uruguai Teixeira Soares

No zoneamento, é possível ver que a maior parte do parque é composta por zona primitiva (47,84%) e por zona de recuperação (38,84%); e o restante por Zona de Uso Intensivo (8,85%) e Zona de Uso Extensivo (4,45%), e devem seguir as normas do SNUC. Para alcançar os objetivos estratégicos, o mapa de Áreas Estratégicas foi fundamental para conciliá-los com o existente, como o trecho confrontante com a Faixa de Domínio da Rede Ferroviária; para a definição de fluxos; e implementação de infraestrutura e arquitetura.

As atividades desenvolvidas incluem educação ambiental, uso público, fiscalização e pesquisa e a atividade conflitante, assim como ocorre em várias UCs, a caça ilegal de animais silvestres. Conforme as diretrizes e objetivos descritos no Plano de Manejo (2011), o programa atual contém atividades como dinâmicas e jogos educativos, palestras temáticas, trilhas ecológicas, mirante, o trilho do Teixeira e o “anfiteatro de pedra”. Ainda assim, proporcionou abordagem de Arquitetura Sustentável, em especial com a AEI Casa Italiana, explorando a construção em madeira para um centro de visitantes, e “elementos arquitetônicos típicos da cultura dos colonizadores da região, descendentes de imigrantes italianos, com três níveis: térreo, sótão e porão (este conquistado a partir de arrimo de pedras e do desnível do terreno)”. (Plano de Manejo, 2011)

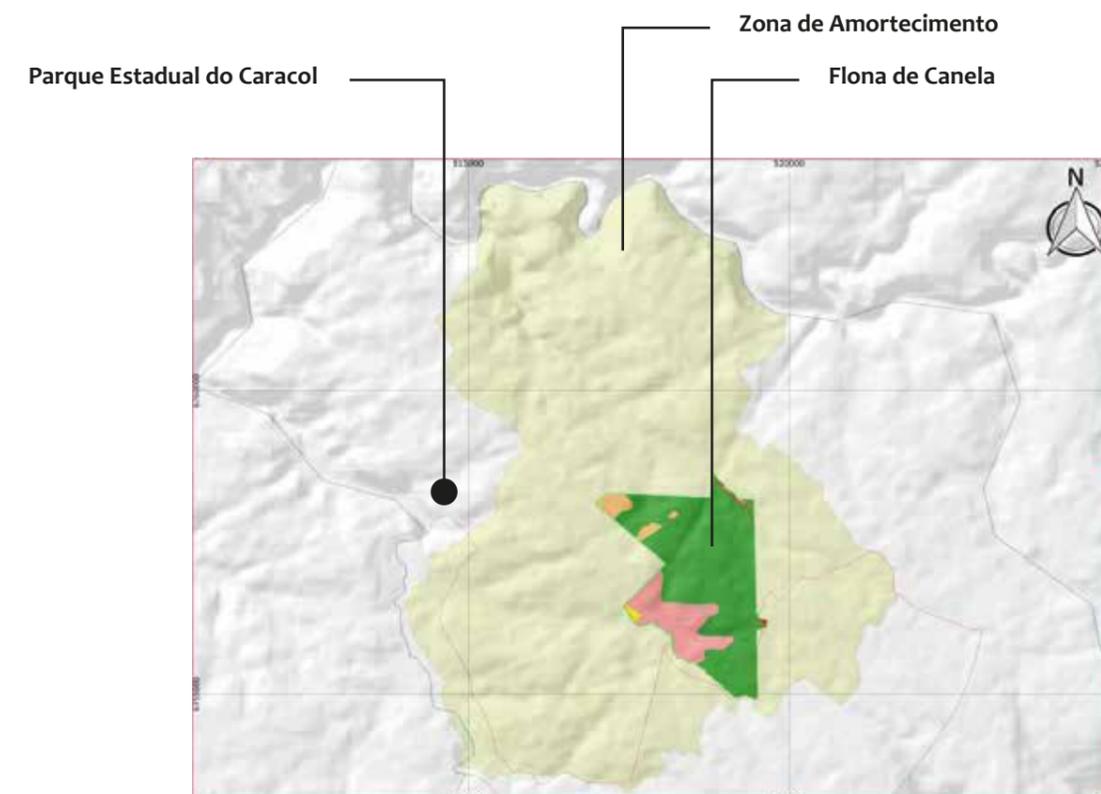
## Estudo de Caso: Parque Estadual do Caracol

Um dos pontos turísticos mais visitados do sul do Brasil, o Parque Estadual do Caracol, criado em 1973, está localizado no município de Canela, no Rio Grande do Sul e é formado por Florestas de Araucária. O território também foi habitado por índios kaingang e, com a colonização e o ciclo da madeira, esses grupos foram sendo dizimados. Posteriormente, na década de 1920, com a chegada da ferrovia para escoar a produção, o desenvolvimento urbano da cidade aconteceu aceleradamente e sem planejamento, acarretando em forte atração turística, porém com problemas ambientais na região, inclusive no atual Parque – como alterações na qualidade da água e do ar, e desmatamento. (Site oficial do Parque)

Assim, os impactos ambientais provocaram a necessidade de impor controle ambiental e restrições quanto ao uso. A partir de 1950, a área foi sendo desapropriada para criação do Parque, sendo que, dos 100 hectares, a maior parte é Área de Preservação Permanente (APP), e 25 hectares são designados ao turismo ecológico com uma moderna e inovadora infraestrutura para abrigar estruturas de lazer, trilhas ecológicas, painéis interativos, a famosa escadaria de 927 degraus que conduz os visitantes à base da cascata, espaços de alimentação, lojas de artesanato, passeios de helicóptero, mirantes com belas paisagens, dentre outros.

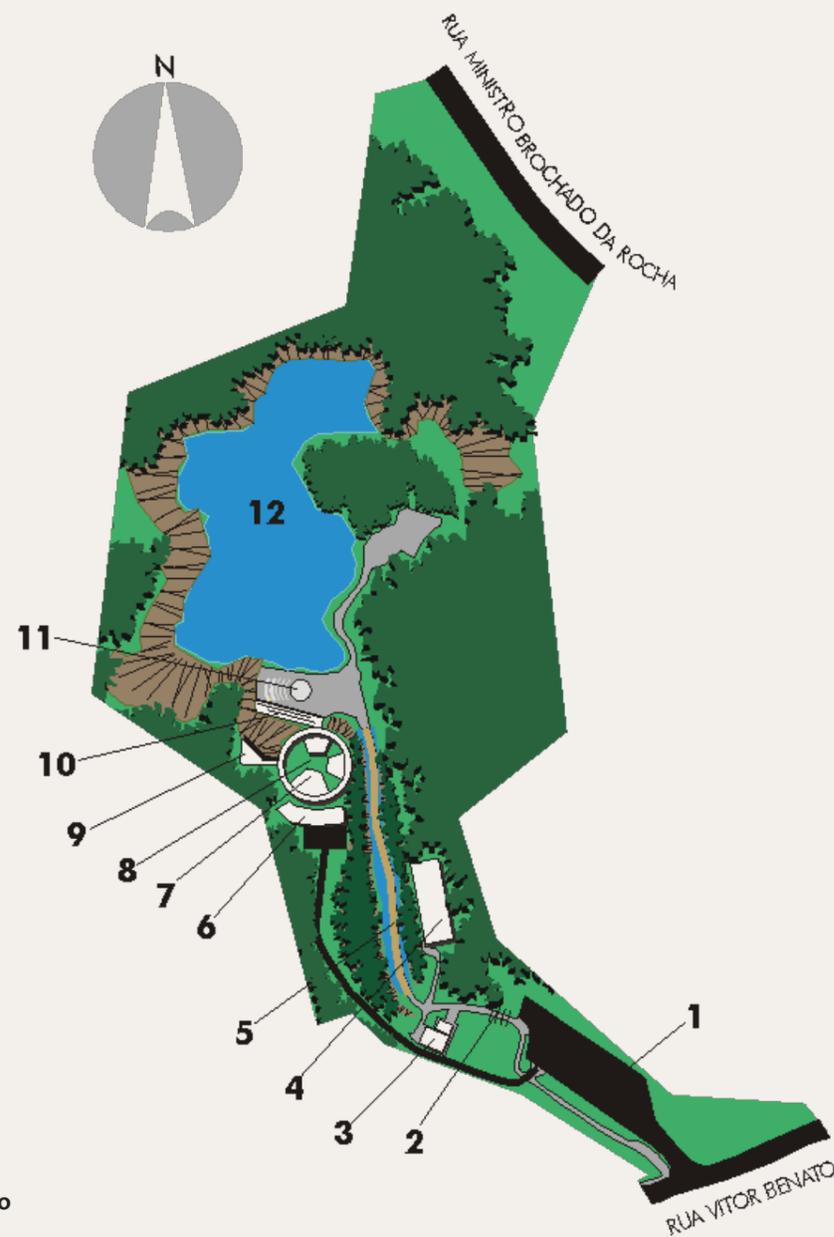
Além disso, próximo ao Parque Estadual do Caracol, encontra-se a Floresta Nacional de Canela (FLONA de Canela), uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável. As Flonas são áreas de domínio público e tem como objetivos gerais: “I – promover o manejo dos recursos naturais, com ênfase na produção de madeira e outros produtos vegetais; II – garantir a proteção dos recursos hídricos, das belezas cênicas, e dos sítios históricos e arqueológicos; III – fomentar o desenvolvimento da pesquisa científica básica e aplicada, da educação ambiental e das atividades de recreação, lazer e turismo” (SNUC)

Atualmente, no site oficial das Unidades de Conservação do Brasil, existe um acordo de cooperação técnica, publicado em 09/10/2020, para a criação de uma trilha de longo curso denominada Caminho das Araucárias. O projeto tem por conceito a integração de Unidades de Conservação do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina e, tem como meta conectar o Parque do Caracol até o Parque Nacional de São Joaquim, passando por várias UCs, dentre elas, a Flona de Canela. Assim, a trilha de longo curso atua com um grande corredor ecológico, preservando ecossistemas, favorecendo o ecoturismo e o desenvolvimento socioeconômico sustentável.



# UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

## Estudo de Caso: Bosque Zaninelli – Universidade Livre do Meio Ambiente (Unilivre)



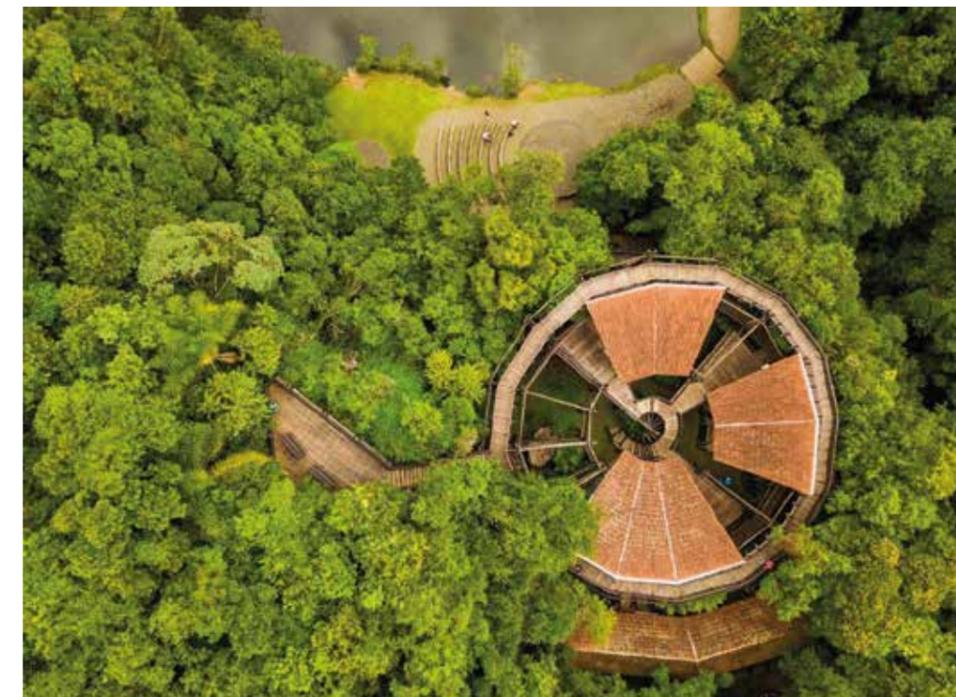
1. Estacionamento
2. Portal
3. Loja / Sanitários / Guarda Municipal
4. Administração / Biblioteca
5. Passarela
6. Coordenação
7. Salas de Aula
8. Pavilhão Jacques Ives Cousteau
9. Mirante
10. Rampa
11. Palco
12. Lago

Situada dentro do perímetro urbano da cidade de Curitiba, no Paraná, a Unilivre é, conforme seu site oficial, uma organização cultural e educacional independente fundada em 1991, pioneira mundial por sua forma de gestão e baseada em seu próprio conceito de sustentabilidade:

“A UNILIVRE entende sustentabilidade como elemento substantivo, uma bússola que norteia o comportamento e as relações dos seres humanos, entre si e com o planeta, o justo meio entre as dimensões ambiental, econômica e sócio cultural, em busca do bem comum”. (Site Oficial)

A Unilivre foi construída no Bosque Zaninelli, “uma área verde de 60.000 m<sup>2</sup> originada a partir da recuperação de uma área degradada, onde funcionava uma antiga pedreira, sendo transformada em um espaço de educação dentro do conceito de acupuntura urbana” (Site Oficial). Embora não seja uma Unidade de Conservação, o Zaninelli foi decretado bosque municipal de preservação. Na área, ocorria a exploração de granito, que posteriormente resultou num paredão de pedra em contato com o lago existente, e em 1992, foi decretado como bosque municipal de preservação. Segundo as informações do site oficial, ela foi criada para examinar e debater os problemas ambientais decorrentes do crescimento urbano e, hoje, suas ações promovem a preservação ambiental, da biodiversidade e do desenvolvimento sustentável através dos Grupos de Trabalho de Agentes da Sustentabilidade (GTAs). Assim, suas áreas de atuação são: ambiental, educacional, social, cultural, digital, arquitetura, engenharia e comunicação.

Integrada à malha urbana, e próxima a outros parques e equipamentos importantes de Curitiba, como o Parque Tanguá, o Museu Oscar Niemeyer e a Ópera de Arame, a Unilivre faz parte do roteiro de muitos turistas. O projeto alia a beleza natural com a educação socioambiental e o desenvolvimento socioeconômico. A construção da Universidade foi feita com troncos de eucalipto e estruturas de madeira e oportuniza a conexão entre a arquitetura, a riqueza natural e a sociedade.



# ÁREA DE INTERVENÇÃO - PARNAMUL

## PARNAMUL: Caracterização e Localização

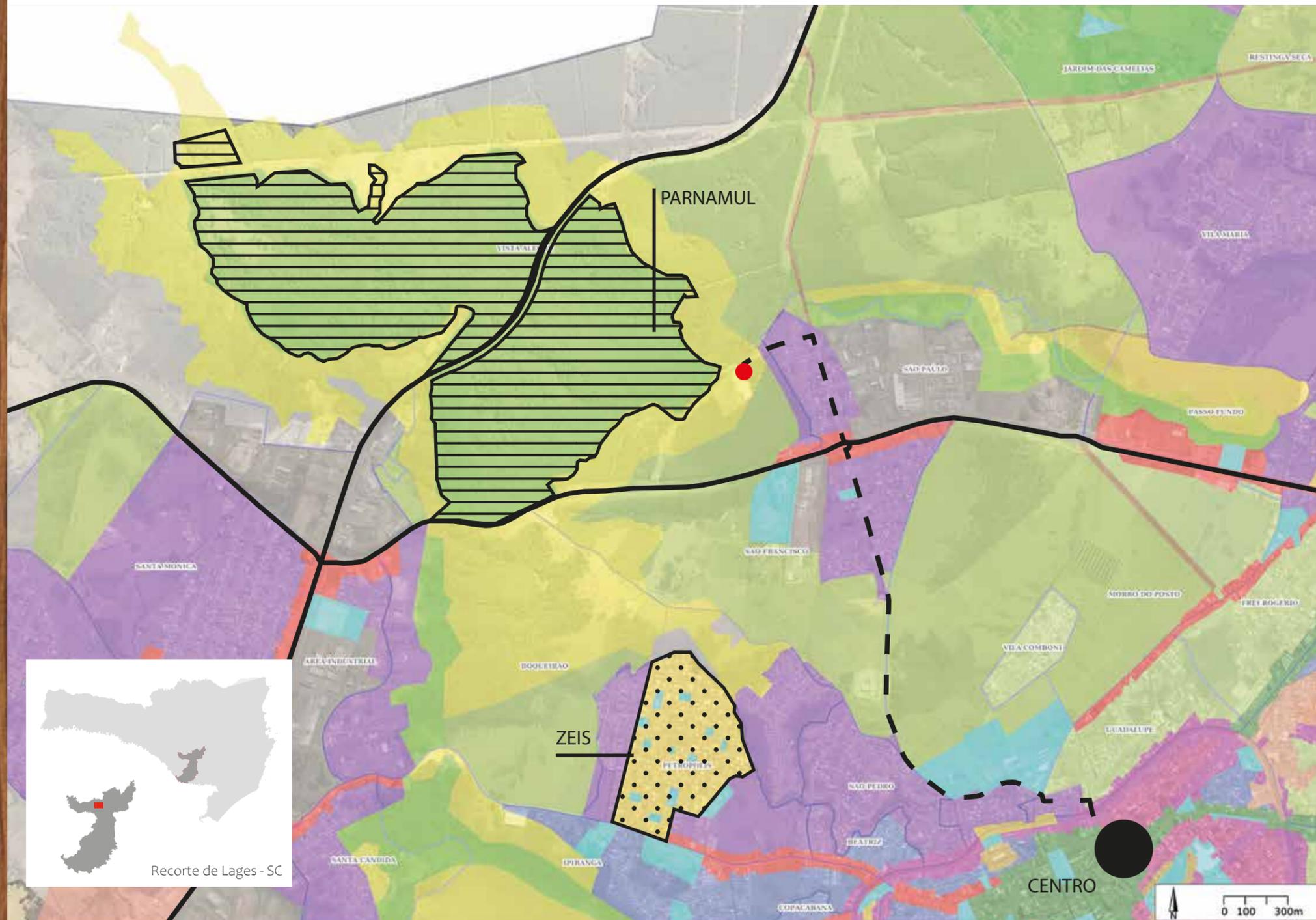
O Parque Natural Municipal João José Theodoro da Costa Neto (PARNAMUL) compreende uma Unidade de Conservação municipal localizada na cidade de Lages (SC), mais precisamente no entroncamento entre a BR-116 e a BR-282. Como mencionado anteriormente, é uma área estratégica – corredor turístico – por contemplar fluxos de norte a sul e de leste a oeste do estado, conectando não só o interior do estado, como também Santa Catarina aos estados Paraná e Rio Grande do Sul. Ademais, está a cerca de dez minutos, de carro, do centro urbano do município, atravessando uma extensa área classificada como Zona de Requalificação e Expansão Urbana 1 pelo Plano Diretor e definida por compreender:

“o setor urbano caracterizado pela predominância de sítios e atividades de lazer, onde deverá ser priorizado a manutenção das características existentes, possuindo potencial de desenvolvimento territorial com possibilidades de expansão do sistema de circulação, da malha urbana e da implantação de novas atividades de produção econômica”. (Plano Diretor de Lages)

Embora Lages seja um município grande territorialmente (2.651,4 km<sup>2</sup>), possui uma área rural muito maior do que a urbana: 2.429 km<sup>2</sup> de área rural e 222,4 km<sup>2</sup> de área urbana (AMURES). No entanto, o PARNAMUL está localizado dentro do perímetro urbano e este projeto busca reforçar a sua necessidade de sua preservação e integrá-lo à malha urbana de forma cautelosa, a fim de que o Parque projetado possa também ser um parque urbano para a inclusão da sociedade.

Além disso, entre o Parque e o Centro, existe uma Zona Especial de Interesse Social, que abriga “unidades territoriais destinadas, prioritariamente, à recuperação urbanística, à regularização fundiária e à produção de Habitações de Interesse Social” (Plano Diretor de Lages). O Parque é circundado por nove dos 69 bairros da cidade (Santa Mônica, Boqueirão, Área Industrial, São Francisco, São Paulo, Passo Fundo, Vila Maria, Nossa Senhora Aparecida e Jardim das Camélias), e a BR-116 que o divide em duas partes.

Próximo à Zona de Amortecimento do PARNAMUL, há uma Área Industrial, caracterizada como Zona de Ocupação Industrial Consolidada (Plano Diretor de Lages), a qual já adentrou parte da Zona de Amortecimento e exige fiscalização ambiental para controlar a poluição emitida.



\*Fonte: Geoprocessamento de Lages

### LEGENDA:

 Zona de Requalificação e Expansão Urbana 1	 Área de Uso Institucional Consolidada	 Zona Residencial Exclusiva 1
 Área Especial de Interesse Ambiental	 Eixos de Descentralização do Desenvolvimento 1	 Zona Residencial Exclusiva 2
 Área Especial de Amortecimento Ambiental	 Eixos de Descentralização do Desenvolvimento 2	 Zona Residencial Predominante 1
 Zona de Ocupação Industrial Consolidada	 Zona de Ocupação Comercial Consolidada	 Zona Residencial Predominante 2

# ÁREA DE INTERVENÇÃO - PARNAMUL

PARNAMUL e seu Entorno

## Legenda

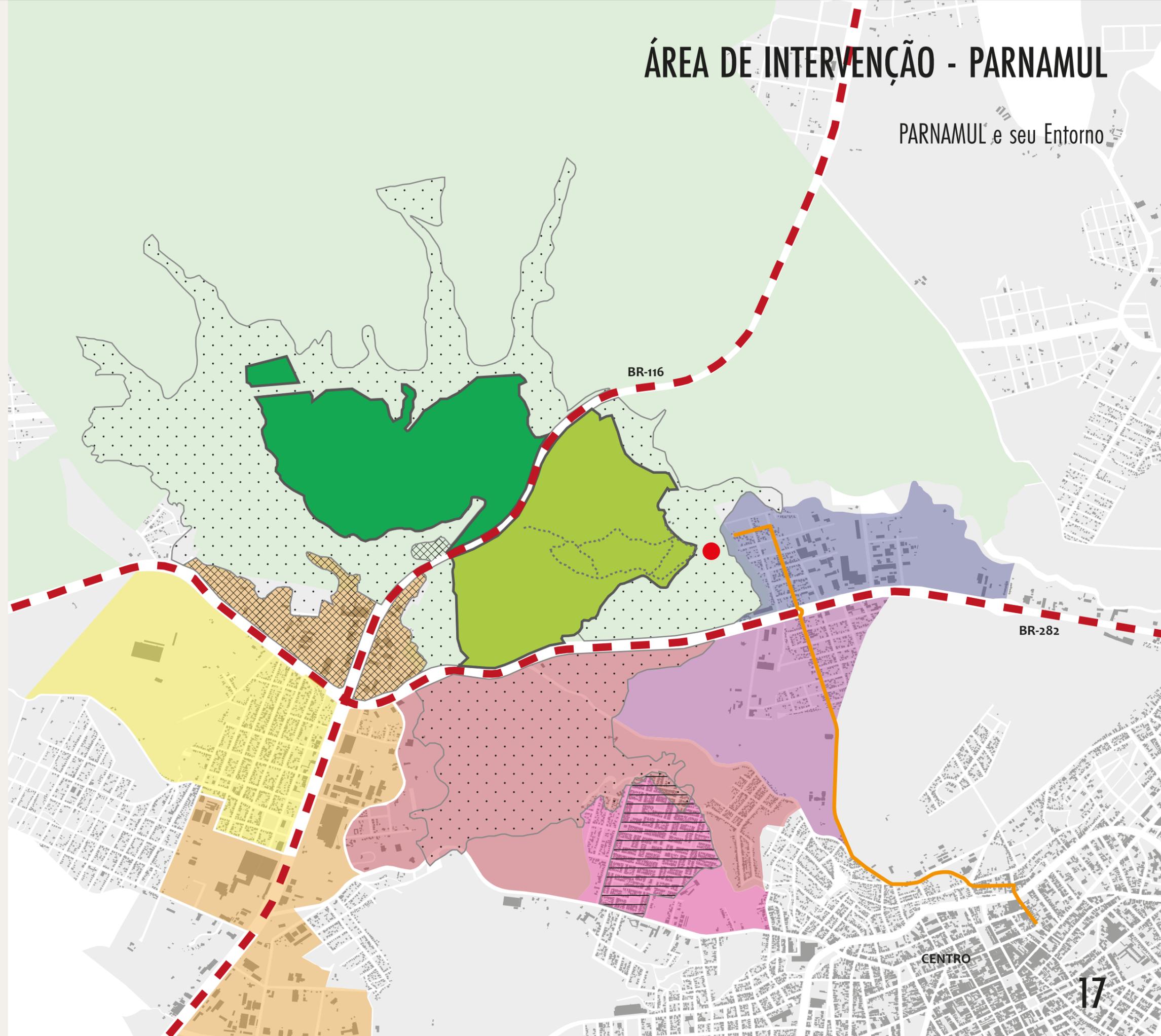
-  PARNAMUL - Zona Intangível
-  PARNAMUL - Zona Primitiva
-  Zona de Amortecimento 1
-  Zona de Amortecimento 2
-  ZEIS
-  Bairro Santa Mônica
-  Bairro Área Industrial
-  Bairro Boqueirão
-  Bairro Petrópolis
-  Bairro São Francisco
-  Bairro São Paulo
-  Sede Atual
-  Rodovias (BR-116 e BR-282)
-  Trilhas Ecológicas
-  Distância até o Centro (15 min de carro)



0 500 1.000 m



\* Mapas de elaboração própria



# ÁREA DE INTERVENÇÃO - PARNAMUL

## PARNAMUL e seu Entorno



Bairro São Paulo



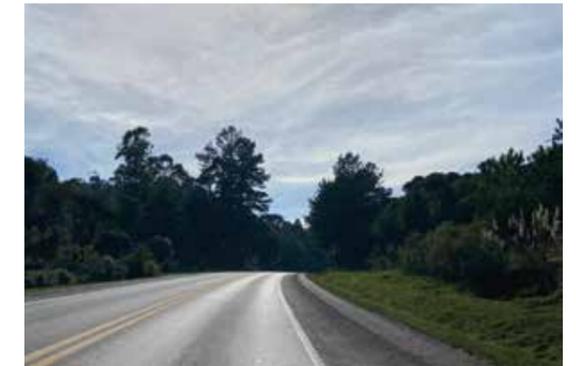
Caminho de Entrada ao PARNAMUL



Trilha Ecológica no PARNAMUL



BR-282 (trecho do projeto)



BR-101 (trecho que corta o PARNAMUL)



Bairro São Paulo



Entrada ao PARNAMUL



Trilha Ecológica no PARNAMUL



BR-282; bairro São Francisco à esquerda e São Paulo à direita



Bairro Área Industrial (indústrias e transportadoras)



Bairro São Paulo



Sede Atual



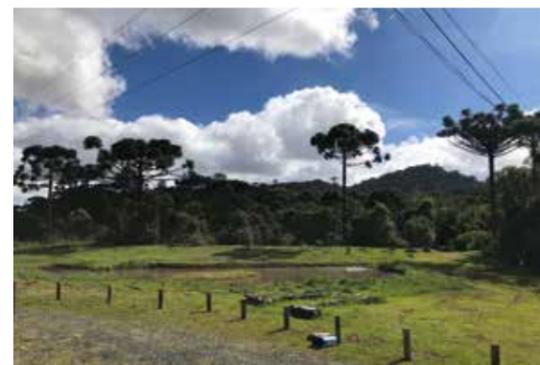
Bairro Boqueirão (área verde vista pela BR-282)



Ao norte no PARNAMUL, na BR-116, há extensas áreas verdes e a Subestação de Lages da CELESC



Bairro São Paulo



Área do PARNAMUL



Trilha Ecológica no PARNAMUL



Zona de Amortecimento 1 (local do projeto)



Entrada norte de Lages (BR-116, ao norte do PARNAMUL)

## Plano de Manejo Participativo

Com o objetivo de preservar a biodiversidade, que contém espécies ameaçadas de extinção, o Parque foi criado em 1997 e o Plano de Manejo vigente é de 2006. Através da coleta de dados, da análise de diagnósticos de fauna e flora e de pesquisas de campo, foi realizado o diagnóstico do Parque, contemplando o meio físico, o meio biótico e outros aspectos que relacionam a Unidade de Conservação com o seu entorno. Em seguida, foi aplicado um instrumento metodológico para compreender a realidade socioeconômica e ambiental da região: a realização de momentos participativos, com reuniões técnicas de “pesquisadores com funcionários do Parque, da Prefeitura e de Universidades; e oficinas de planejamento participativo, com atores sociais, governamentais e não governamentais”. (Plano de Manejo Participativo do Parque Natural Municipal João José Theodoro da Costa Neto)

Segundo o Plano de Manejo, a Unidade de Conservação possui 234,42 hectares e a sua Zona de Amortecimento possui 643,16 hectares. Quanto ao bioma e ecossistemas, está inserida em domínio da Mata Atlântica, com Floresta Ombrófila Mista (Mata de Araucária), ameaçada pela ação antrópica – em especial, pelo desenvolvimento do setor madeireiro, como consta neste documento. Sendo assim, realizou-se uma pesquisa, por meio de entrevistas e posterior análise, para compreender a dinâmica social com o Parque, através de dois grupos de interesse:

- Grupo de interesse primário: tendo como representantes 56 moradores da comunidade do entorno do Parque (bairros com divisa física ou em situações de conflito).

- Grupo de interesse secundário: tendo como representantes 30 pessoas dos setores público e privados da sociedade, tais como “instituições de ensino, organizações não governamentais, órgãos ambientais federais, estaduais e municipais, representantes do turismo e hotelaria, instituição de pesquisa, associação de moradores e associação do comércio e indústria”. (Plano de Manejo Participativo do Parque Natural Municipal João José Theodoro da Costa Neto)

Examinando os resultados, percebeu-se que 75% dos representantes do grupo de interesse primário não têm conhecimento do significado de Plano de Manejo. Ainda em relação a este grupo, o local foi caracterizado como “perigoso” pela falta de segurança e a população tem expectativas de que, num futuro breve, o Parque possa ampliar suas atividades, englobando, conforme os entrevistados, além das trilhas ecológicas, áreas de alimentação, área para aulas práticas, passeios, caminhadas, bondinho, espaços de lazer, visualização de animais silvestres, espaço para idosos e crianças, melhor infraestrutura de acesso, lojas de souvenir, benefícios para a comunidade e para a cidade e, sobretudo, maior segurança.

Quanto ao segundo grupo, os entrevistados indicaram como públicos-alvo do Parque a comunidade, os alunos e acadêmicos, pesquisadores, turistas, a terceira idade e as famílias. Além disso, mencionaram diversas atividades com potencial de implementação no parque, descritas no Plano de Manejo, como por exemplo um viveiro de mudas das espécies existentes no local, trilhas para pessoas portadoras de necessidades especiais, pesquisa científica, dinâmicas voltadas ao ecoturismo, campanhas educativas, referência de lazer para a cidade, guias turísticos, melhores condições de acesso, conteúdo sobre a história do Parque, fiscalização e segurança.

Atualmente, conforme entrevista pessoal com a bióloga do Parque Michelle Pelozato, as atividades de educação ambiental aumentaram nos últimos anos, assim como a fiscalização da área – que, no entanto, ainda é insuficiente. Dentre as atividades conflitantes, foram mencionadas a caça e coletas ilegais e o reflorestamentos de Pinus no entorno do Parque – espécie exótica que pode prejudicar as espécies nativas da UC.

Conforme categorizado no Plano de Manejo, o PARNAMUL se enquadra como Unidade de Proteção Integral, devendo seguir as diretrizes de Parques Estaduais e Nacionais previstos pelo SNUC. Assim, o Parque tem por finalidade, de acordo com a Lei complementar 59/97: I – Resguardar atributos excepcionais da natureza da região; II – Proteger integralmente a fauna, a flora e demais recursos naturais, conciliando com a sua utilização para objetivos educacionais, científicos e recreativos.

Além disso, é importante considerar o Sistema de Reservas da Biosfera, que possui enfoque internacional e foi aderido pelo Brasil por manter objetivos de conservação da natureza, desenvolvimento social, educação ambiental e produção de conhecimento científico. Para isso, devem obedecer um zoneamento com três áreas de abrangência principais: Zona Núcleo (completamente preservada); Zona de Amortecimento (que circunda a Zona Núcleo e permite atividades sustentáveis); e a Zona de Transição (circunda a Zona de Amortecimento e possui maior flexibilidade com as atividades desenvolvidas).

## Diretrizes para Planejamento da UC

O Plano de Manejo do Parque definiu como principais objetivos da UC: a obtenção de conhecimento científico básico da Unidade; a integração da unidade de conservação com o entorno; a proteção dos recursos naturais do Parque; e a operacionalidade da unidade.

Dessa forma, idealizou-se quatro Programas de Manejo: o Programa de Reconhecimento, que visa a preservação da UC e o desenvolvimento de pesquisas e monitoramentos (1); o Programa de Uso Público, que busca orientar as atividades públicas de recreação, interpretação e educação ambiental (2); o Programa de Integração com o entorno da UC, que propõe a proteção da UC por ações integradoras com sua zona de amortecimento e sua área de influência (3); e o Programa de Operacionalização, que deseja a funcionalidade do parque através da infraestrutura e da gestão (4).

## Diretrizes para Intervenções Arquitetônicas

Toda intervenção arquitetônica será na **Zona de Uso Intensivo (ZUI)**, exceto as torres de controle.

Realizar **levantamento de dados e programa de necessidades**.

Eliminação de **barreiras arquitetônicas** para deficientes físicos.  
Projeto de **Comunicação Visual**

Norma adotada **NBR 13532**

Partido Arquitetônico:

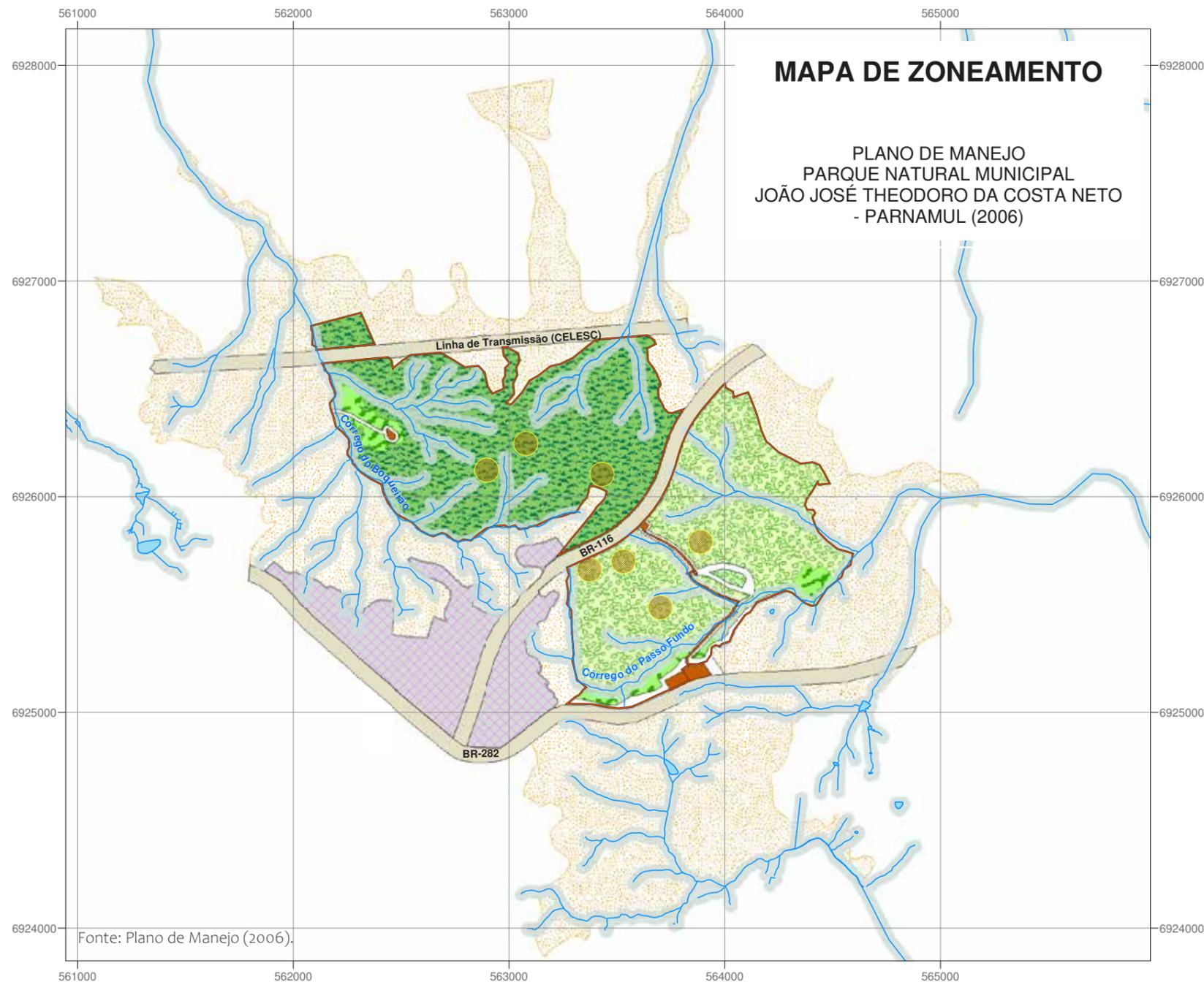
- O gabarito das edificações não deve ultrapassar **2 pavimentos**;
- A área máxima construída (em projeção) não deve ultrapassar **50% da área da Zona de Uso Intensivo**;
- Os materiais utilizados nas edificações devem se **integrar com a paisagem** sem se destacar ou contrastar com o ambiente do parque e seus visitantes.
- Deve ser de **fácil manutenção e pouco impacto ambiental** (evitando terraplenagens e movimentações de terra excessível).

**Sistema Viário:**

- Obter as plantas dos projetos de arquitetura, terraplenagem e paisagismo, com as indicações precisas da locação das edificações, e demais elementos necessários;
- Obter o levantamento topográfico da área.
- Conhecer os tipos de veículos que circularão na área, bem como o volume esperado do tráfego.
- Projeto de sistema viário em concordância com os demais projetos redes de infra-estrutura, de maneira a harmonizá-los entre si.

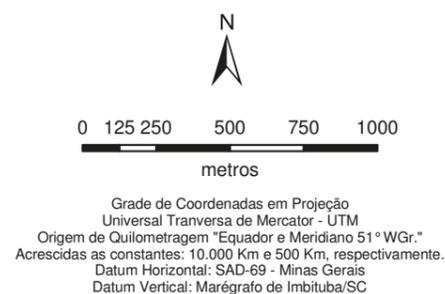
# ÁREA DE INTERVENÇÃO - PARNAMUL

## Zoneamento Atual



LEGENDA:

- |  |                                    |  |                                |
|--|------------------------------------|--|--------------------------------|
|  | ZI - Zona Intangível               |  | ZAM1 - Zona de Amortecimento 1 |
|  | ZP - Zona Primitiva                |  | ZAM2 - Zona de Amortecimento 2 |
|  | ZUExt - Zona de Uso Extensivo      |  | APP de Córregos (30 metros)    |
|  | ZUI - Zona de Uso Intensivo        |  | Topo de Morro                  |
|  | ZUE - Zona de Uso Especial         |  | Limites do PARNAMUL            |
|  | ZRM - Zona de Recuperação e Manejo |  | Cursos D' Água                 |
|  |                                    |  | Corpos D' Água                 |



O Zoneamento vigente para o PARNAMUL estabelece as seguintes zonas:

- ZONA INTANGÍVEL (104 hectares) – alto grau de preservação, protegendo integralmente seus ecossistemas e sem interferência antrópica.

- ZONA PRIMITIVA (88,16 hectares) – busca a preservação ambiental, assim como atividades de pesquisa científica, educação ambiental e formas alternativas de recreação.

- ZONA DE USO INTENSIVO (14,3 hectares) – composta por áreas naturais e/ou por alterações antrópicas. Seu uso deve ser orientado à pesquisa, recreação e educação ambiental. Conforme o Plano de Manejo, “no PARNAMUL poderão conter: Centro de Visitantes, Museu da Araucária, Torres de Observação, Playground, Estacionamento e outras facilidades e serviços”.

- ZONA DE USO EXTENSIVO – é o contorno que delimita a UC e as trilhas que ocorrem em seu interior. Assim, trata-se de uma transição entre a Zona Primitiva e a Zona de Uso Intensivo.

- ZONA DE RECUPERAÇÃO E MANEJO (16,05 hectares) – contém intervenções antrópicas e é considerada uma zona provisória degradada, que ao ser restaurada se trará permanente. Para isso, deve-se remover espécies exóticas e inserir as nativas.

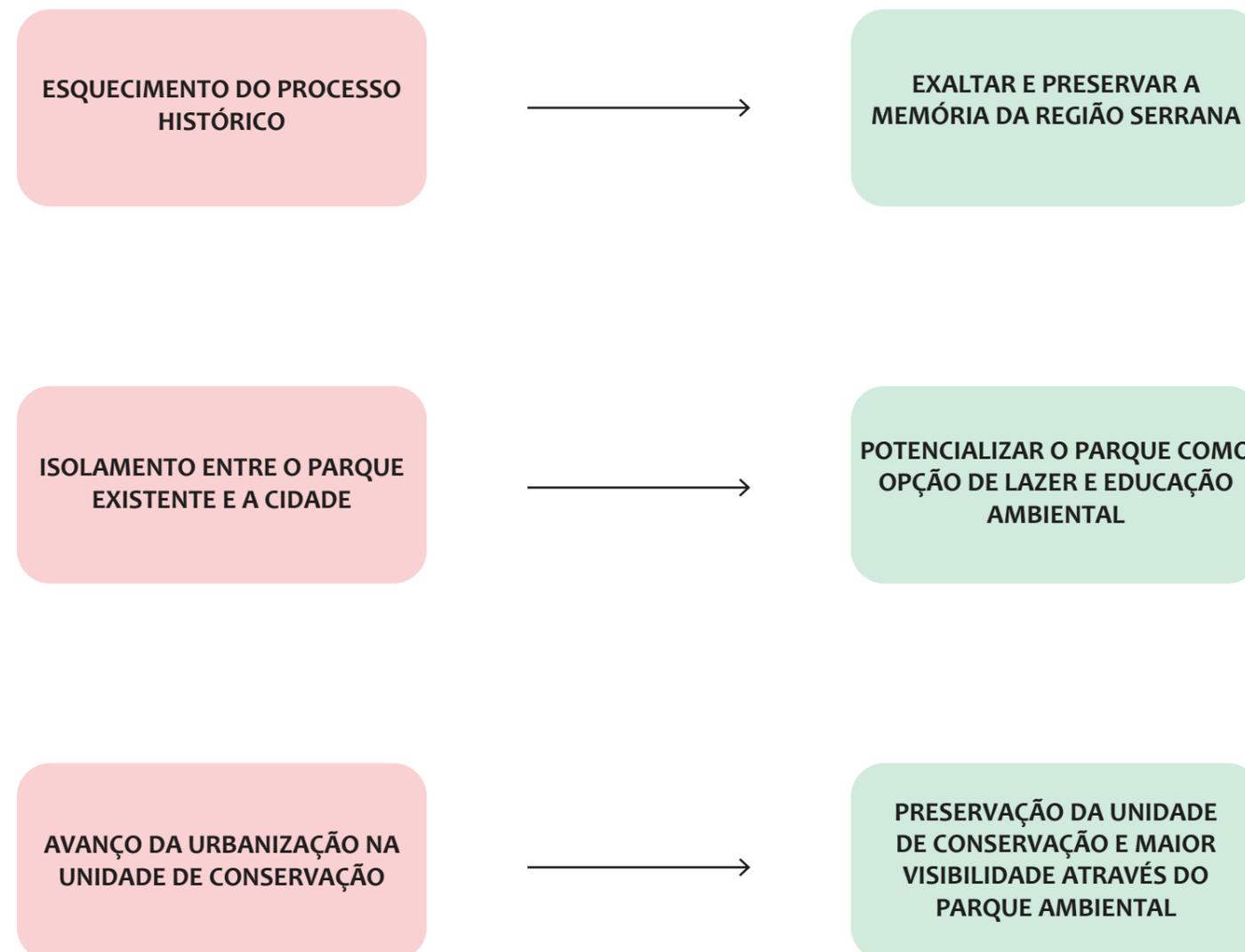
- ZONA DE USO ESPECIAL (1,89 hectares) – detém importância estratégica, para o Parque e a comunidade, contendo a linha de transmissão da CELESC, a BR-116 e a BR-282.

- ZONA DE AMORTECIMENTO – entorno da UC que abrange atividades que devem respeitar normas e restrições para reduzir os danos à UC. O PARNAMUL possui a Zona de Amortecimento 1 – ZA 1 (cuja maior parte está composta por vegetação exótica de Pinus e deverá gradativamente ser substituída pela nativa) e a Zona de Amortecimento 2 – ZA 2 (contém atividade industrial, comercial e residencial e possuem grande potencial poluidor).

No momento, a UC sofre pressão tanto da expansão urbana, quanto da zona industrial próxima à área – que, inclusive, já adentrou a zona de amortecimento e está emitindo poluentes para o Parque. Além disso, o reflorestamento com espécies exóticas alerta para os riscos de contaminação das espécies nativas, e os acessos e infraestruturas do Parque necessitam melhorias. Com isso, objetiva-se a rever o zoneamento atual, implementando estratégias que favoreçam a UC a alcançar seus objetivos.

# PROBLEMÁTICAS E OBJETIVOS

## Organograma Síntese das Problemáticas e dos Objetivos



Durante o período de pesquisa sobre a área de estudo, desde o retrospecto histórico, a compreensão da importância de uma Unidade de Conservação e a análise do local a partir de diferentes pontos de vista, tornou-se indispensável a construção de uma análise crítica que envolve os elementos e as circunstâncias discutidas. Sendo assim, entendeu-se que existem três problemáticas principais – com seus respectivos objetivos – que circundam o desenvolvimento deste projeto de TCC.

Primeiramente, o esquecimento do processo histórico. Ao desenvolver a linha do tempo dinâmica, é possível se deparar com inúmeros eventos e contextos que decorrem desde o período pré-colonial até a sociedade contemporânea e que, atualmente, são esquecidos ou não entendidos. Não é proposital, é o processo de transformação que acontece dia após dia em uma sociedade, sem que as pessoas se deem conta. Entretanto, considera-se fundamental a compreensão desses elementos que construíram – e continuam construindo – o que hoje se denomina cultura serrana. Mas afinal, as pessoas realmente sabem como a cultura serrana foi “construída”? É difícil entender sobre momentos que não foram presenciados e, por isso, muitas vezes esse “conhecimento” é reduzido a eventos pontuais descontextualizados. Sendo assim, um dos objetivos deste trabalho é exaltar e preservar a memória da região serrana, com base em estudos que aprofundam a percepção das pessoas sobre um processo histórico, promovendo questionamentos, reflexões e mantendo viva a responsabilidade com a história da região.

A segunda problemática apontada é o isolamento entre o parque existente e a cidade. Como visto, o parque existente está dentro do perímetro urbano de Lages e tem potencial para ser integrado com a malha urbana e melhor aproveitado pelo povo lageano. No entanto, alguns fatores dificultam essa conexão: a infraestrutura precária, a falta de segurança, a pouca visibilidade (como relatado, grande parte da população nem tem conhecimento da existência deste parque), o reduzido programa de atividades e a dificuldade de acesso são os principais fatores para tal constatação. Dessa forma, objetiva-se potencializar o parque como opção de lazer e educação ambiental, desenvolvendo um projeto que entenda essas necessidades e integre a UC com a malha urbana de maneira sustentável para, de um lado preservar a UC, e de outro lado promover um espaço público de qualidade para a sociedade.

Em terceiro lugar, percebeu-se o avanço da urbanização na Unidade de Conservação. Esta problemática, se não revertida, pode trazer uma complicação muito grande para os ecossistemas – inclusive espécies ameaçadas de extinção – presentes na UC. Todas as UC são relíquias da natureza e este Parque é um exemplar de Floresta de Araucária, indiscutivelmente um tesouro natural da cidade. Contudo, a maioria das pessoas (também como relatado no Plano de Manejo) não têm conhecimento sobre a UC. Milhares de pessoas passam diariamente pelas rodovias (BR-116 e BR-282) e não sabem que estão passando do lado de uma UC. Além disso, áreas industriais se instalaram próximas do Parque, bem como o crescente avanço da urbanização. Se não forem contidos, podem prejudicar a UC. Por isso, traça-se como objetivo a preservação da Unidade de Conservação e maior visibilidade através do Parque Ambiental das Araucárias – sendo o Parque uma ferramenta de projeto estratégica para garantir a visibilidade da UC. Assim, as pessoas que passarem pelo local, terão a oportunidade de conhecer este Parque, entender sua importância e aprender sobre a história da região.

## Diretrizes de Projeto

Levando em consideração as problemáticas e objetivos levantados, delineou-se diretrizes para construção de três etapas do projeto: a definição de Áreas Estratégicas (1), o desenvolvimento do Programa de Atividades (2), e o projeto do Parque das Araucárias – um Parque Ambiental na Serra Catarinense (3). Assim, as diretrizes são:

- Seguir os objetivos de conservação da UC, descritos no Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) e enfatizados no Plano de Manejo Participativo do Parque Natural Municipal João José Theodoro da Costa Neto (PARNAMUL);

- Seguir as diretrizes do Plano de Manejo Participativo do Parque Natural Municipal João José Theodoro da Costa Neto, considerando a conversa com a bióloga do Parque e as atualizações necessárias do Plano de Manejo;

- Ainda que o projeto do Parque das Araucárias esteja na Zona de Amortecimento 1 da UC, considerar as diretrizes para Intervenções Arquitetônicas na UC (visto que o objetivo da Zona de Amortecimento 1 é recuperar gradativamente a vegetação nativa) e para elaboração do Programa de Necessidades citadas no Plano de Manejo sempre que possível;

- Como o Plano de Manejo é de 2006, e deve ser atualizado, percebem-se algumas questões relacionadas ao zoneamento atual que precisam ser refletidas; sendo assim, propor a definição de Áreas Estratégicas – que são explicadas no decorrer do trabalho;

- Compreender os anseios da sociedade (englobando os diferentes grupos de interesse da análise dos resultados obtidos pelo questionário do Plano de Manejo), compatibilizando com os objetivos da UC, para a construção de um Programa de Atividades coerente com os interesses socioeconômicos e culturais;

- Propor o desenvolvimento de um parque ambiental, o Parque das Araucárias, para harmonizar os diversos interesses relacionados à UC e seu entorno: preservar os ecossistemas, gerar espaços de lazer ativo e contemplativo, e promover a educação ambiental para todas as pessoas.

## O que é um Parque Ambiental?

Os Parques Ambientais são diferenciados por englobarem áreas com “características naturais espetaculares ou únicas, que são de grande importância ao país e preservam o meio ambiente” (IBAMA *apud* Cultura Mix). Em vista disso, eles podem conter programas multidisciplinares e diversos, e são fundamentais para estabelecer a conexão e reciprocidade entre a população e a natureza: enquanto eleva a qualidade de vida das pessoas, também ajuda na conservação da biodiversidade existente.

Sendo assim, os Parques Ambientais podem conter locais de pesquisa científica, programas de socialização e lazer junto à natureza, atividades vinculadas à educação ambiental, visitação, turismo ecológico, dentre outras. Com isso, o equipamento tem potencial de integração entre vários aspectos vitais, tanto para a sociedade quanto para o conjunto de ecossistemas e as cidades.



\* Registro fotográfico pela autora, no PARNAMUL, 2021.

# PROPOSTA PARA ÁREA DE INTERVENÇÃO

## Definição de Áreas Estratégicas

Com o intuito de espacializar o Programa de Atividades e alinhar as ações necessárias em cada área da UC e seu entorno, foram definidas algumas Áreas Estratégicas (AE). Isto porque, de acordo com o Encarte 4 referente ao Planejamento da Unidade de Conservação (Instituto Chico Mendes), a matriz estratégica permite uma visão integrada e orienta a gestão da UC e seu entorno – como mostrado no estudo de caso do Parque Natural Municipal Meta do Rio Uruguai Teixeira Soares.

As Áreas Estratégicas são importantes para direcionar parâmetros de planejamento específicos, com base no diagnóstico da UC, que contém seus programas, subprogramas e objetivos. Dessa forma, essas áreas apresentam diferentes intervenções – fruto de uma análise do Zoneamento e dos impactos de sua implementação – e são fundamentadas para potencializar seus pontos fortes e reverter os negativos. Sendo assim, as AE criadas são:

AE – 1: Como visto, o parque sofre pressão e impactos de poluição ambiental advindos da zona industrial consolidada da cidade, principalmente próxima à Zona de Amortecimento 2. Assim, essa AE visa a adoção de maior fiscalização da área próxima à indústria, para reduzir os impactos ambientais e evitar sua expansão em direção à UC.

AE – 2: Esta área é delicada, uma vez que foi aberta uma rodovia (BR-116) cortando a Unidade de Conservação. Em virtude disso, intensifica-se a fragmentação da UC em muitos aspectos: veículos atravessam o Parque em alta velocidade (sem ter conhecimento da existência do Parque); o trânsito de espécies (especialmente fauna) entre as partes da UC fica exposto à rodovia e animais acabam morrendo por atropelamento; o Zoneamento existente separou claramente a UC em duas partes, a Zona Intangível a oeste da rodovia e a Zona Primitiva a leste da rodovia, sendo que elas não possuem ligação direta. Por esses motivos, nesta AE se propõe a implementação de um corredor ecológico, a fim de favorecer a integridade do Parque, a circulação das espécies nativas e a união de uma UC fragmentada. Além disso, propõe-se ainda que sejam adotadas as seguintes medidas na AE – 2: redução da velocidade dos veículos, instalação de placas e totens informativos sobre a UC e o Parque, e aplicação de faixas no asfalto que alertem os condutores sobre o cuidado com a área. Essas providências, além de preservar e enaltecer a UC, convidam os viajantes a conhecer o Parque das Araucárias e contemplar a região.



Corredor ecológico

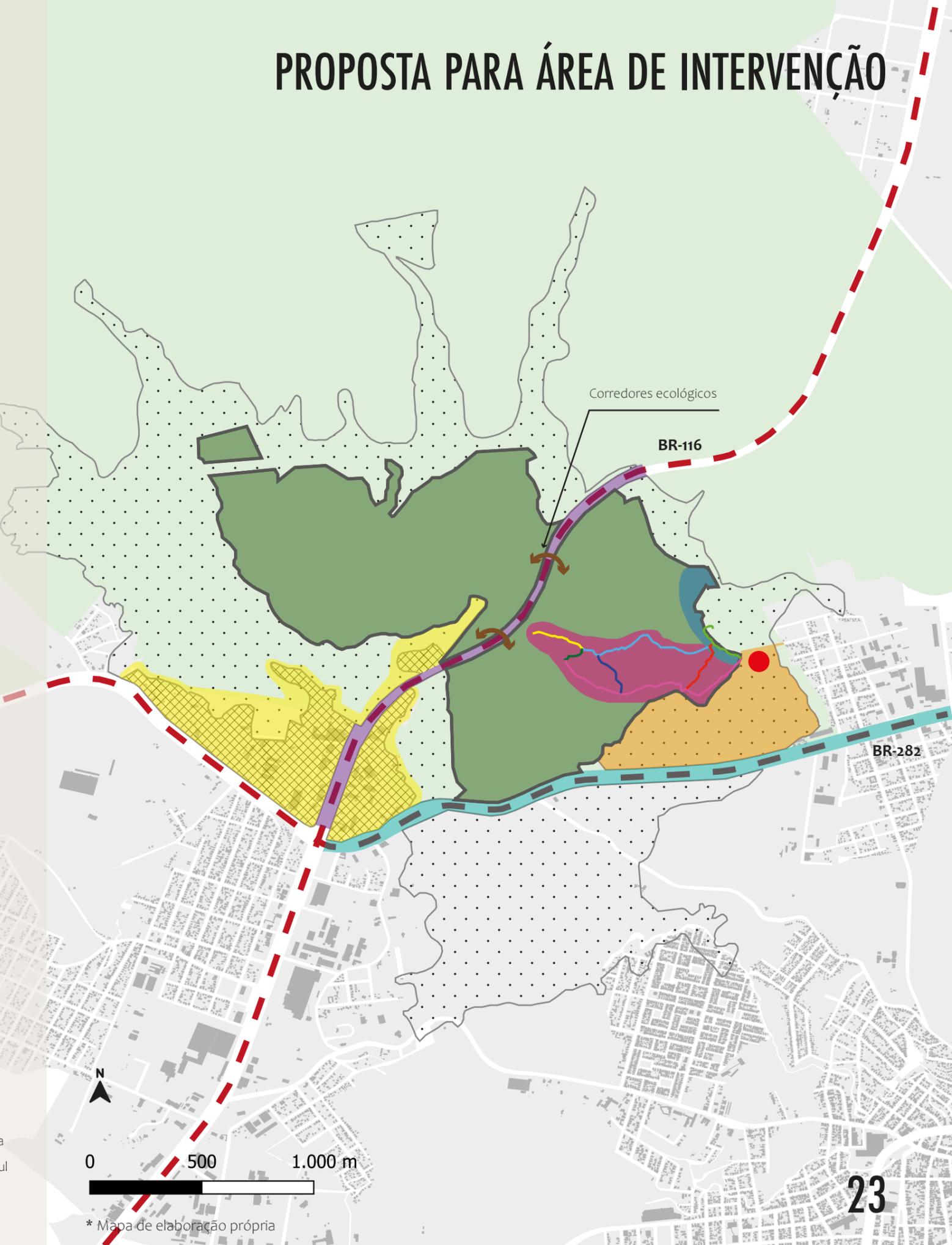
BR-116

\*Elaboração própria

Sinalização sobre a UC e o Parque

### LEGENDA

- |          |        |        |                         |                      |
|----------|--------|--------|-------------------------|----------------------|
| PARNAMUL | AE - 1 | AE - 4 | Sede Atual              | Trilha dos Xaxins    |
| ZA - 1   | AE - 2 | AE - 5 | Rodovias                | Trilha da Bracatinga |
| ZA - 2   | AE - 3 | AE - 6 | Trilha das Araucárias   | Trilha do Bugio      |
|          |        |        | Trilha do Papagaio-Roxo | Trilha da Cachoeira  |



\* Mapa de elaboração própria

# PROPOSTA PARA ÁREA DE INTERVENÇÃO

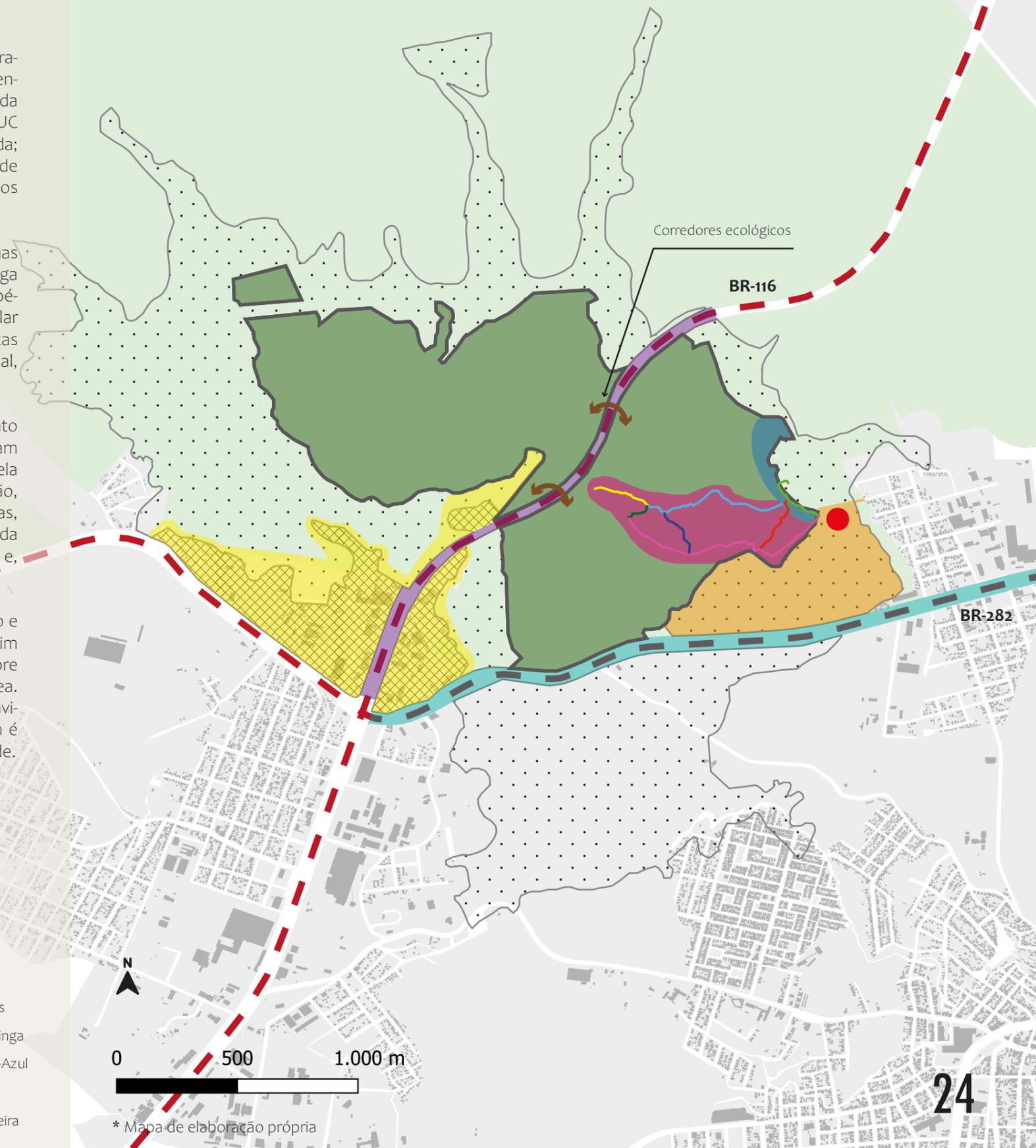
## Definição de Áreas Estratégicas

AE – 3: Nesta área estratégica, que faz parte da Zona de Amortecimento 1, já existe uma sede administrativa e se propõe a criação de um parque ambiental – o Parque das Araucárias. Essa medida é fundamental para ordenar os fluxos e conciliar diversos objetivos da UC: a preservação ambiental; a visibilidade da UC, que também promove fatores de conservação; a proteção contra invasores, que adentram a UC para caçar e coletar alimentos e materiais; a integração da UC e seu entorno, que até então era limitada; a recuperação da vegetação nativa; a promoção de um equipamento de lazer conectado com a cidade e capaz de receber visitantes; o fomento ao conhecimento e educação ambiental; e, a valorização dos recursos naturais, bem como o enaltecimento da importância da madeira para a região.

AE – 4: Conforme ilustrado nos mapas, esta área pertence a Zona Primitiva e é onde existem várias trilhas ecológicas: a Trilha das Araucárias, a Trilha do Papagaio-Roxo, a Trilha dos Xaxins, a Trilha da Bracatinga e a Trilha da Gralha-Azul. E, nos percursos, é possível ver vegetação preservada e alterada, além de espécies ameaçadas de extinção. Sendo assim, é uma Área Estratégica que propõe: medidas para controlar a visitação, como a fiscalização e os guias de trilhas; e melhorias nos percursos das trilhas, como placas indicativas, totens informativos e cordas que guiam. Além disso, essa área abrange o Mirante Vertical, que, no entanto, tem acesso pela área do Parque das Araucárias.

AE – 5: Esta área engloba duas trilhas, a Trilha do Bugio e a Trilha da Cachoeira, e é onde existe o ponto de partida para todas as trilhas do Parque. Além disso, é a área mais suscetível a invasores que desejam caçar e coletar alimentos e materiais ilegalmente, tanto pela facilidade de acesso pelo bairro quanto pela falta de fiscalização. Por isso, é também proposto para a AE – 5: medidas para controlar a visitação, como a fiscalização e os guias de trilhas; e melhorias nos percursos das trilhas, como placas indicativas, totens informativos e cordas que guiam; no entanto, acrescenta-se aqui maior controle nos limites da UC. Ademais, com a criação do Parque das Araucárias, essa segurança e fiscalização serão maiores e, especificamente nesta área, no ponto de acesso às trilhas, terá um deck para a entrada.

AE – 6: Nesta área estratégica está localizada a rodovia que concentra o fluxo leste-oeste do estado e margeia o Parque das Araucárias, a UC e alguns bairros da cidade: a BR-282. Por isso, propõe-se, assim como na BR-116, a redução da velocidade dos veículos, instalação de placas e totens informativos sobre a UC e o Parque, e aplicação de faixas no asfalto que alertem os condutores sobre o cuidado com a área. Essas providências – também como mencionado na AE – 2 – além de preservar e enaltecer a UC, convidam os viajantes a conhecer o Parque das Araucárias e contemplar a região. Neste caso, também é importante a redução da velocidade por se tratar de uma rodovia que separa bairros da mesma cidade.



### LEGENDA

PARNAMUL	AE - 1	AE - 4	Sede Atual	Trilha dos Xaxins
ZA - 1	AE - 2	AE - 5	Rodovias	Trilha da Bracatinga
ZA - 2	AE - 3	AE - 6	Trilha das Araucárias	Trilha da Gralha-Azul
			Trilha do Papagaio-Roxo	Trilha do Bugio
				Trilha da Cachoeira

0 500 1.000 m

\* Mapa de elaboração própria



# PROPOSTA PARA ÁREA DE INTERVENÇÃO

## Parque das Araucárias: Parque Ambiental na Serra Catarinense

Após a contextualização e definições de projeto, chega-se na principal proposta desenvolvida neste TCC: o Parque das Araucárias, que é um Parque Ambiental na Serra Catarinense. De fato, a ideia central do trabalho é a transformação de um conjunto de necessidades e anseios locais em um projeto que seja capaz de especializa-los e absorver essas aspirações dentro dos âmbitos socioeconômico, ambiental e cultural.

Trata-se de uma proposta multidisciplinar, que buscou embasamento e sustentação dentro de diversas questões que permeiam a essência do projeto de um parque ambiental na serra catarinense – desde levantamento das pré-existências, análise histórico-cultural e ambiental até fatores socioeconômicos, arquitetônicos e urbanísticos. Sobretudo, um projeto que visa evidenciar as riquezas naturais e singulares da região, que são desconhecidas por muitos, inclusive moradores da cidade; e enaltecer a construção em madeira na serra catarinense.

Então, a partir do próximo capítulo, intitulado “O Projeto”, mostra-se detalhadamente a construção do Parque, como ocorreu a espacialização do Programa de Atividades, suas articulações com o entorno, seu ordenamento dos fluxos internos e suas peculiaridades abordadas ao longo de sua extensão.

### Programa de Necessidades

Após analisar o Plano de Manejo, os anseios da sociedade e da equipe do Parque, e a inserção urbana do Parque Natural Municipal João José Theodoro da Costa Neto (PARNAMUL), foi desenvolvido um organograma apontando, de modo geral, intervenções a serem realizadas.

Além disso, foram feitas algumas visitas ao Parque: em uma delas, foi conversado com a bióloga do Parque Michelle Pelozato e foi possível identificar algumas prioridades de planejamento, como a implementação de um viveiro florestal e de espaços para lazer e aulas práticas com as crianças. Durante outras visitas, foram realizadas trilhas e registros fotográficos, para conhecer as atividades existentes no interior da Zona Primitiva e no entorno do PARNAMUL.

Para concepção do Parque, foram determinadas algumas diretrizes básicas: a preservação ambiental; a integração com a comunidade local; quesitos de sustentabilidade, valorização e aplicabilidade da madeira; obtenção de conhecimento científico; e ser referência de lazer e ecoturismo na cidade e na serra catarinense.

Dessa forma, busca-se atender os principais objetivos da Unidade de Conservação, da comunidade local e da cidade, descritos pelo Plano de Manejo. O Parque Natural Municipal João José Theodoro da Costa Neto tem potencial de integração urbana com a rede de equipamentos de lazer e contato com a natureza da cidade de Lages (SC), além de estar localizado em um ponto estratégico que o permite ser uma referência de ecoturismo na Serra Catarinense.

Outro fator importante a ser destacado, é o reconhecimento da cultura local, da história da região e de elementos característicos do planalto serrano, como a importância da madeira para o setor socioeconômico. Assim, pretende-se enaltecer o uso sustentável desse material, a educação ambiental através do uso consciente do Parque, bem como o apoio do setor madeireiro para garantir os objetivos do PARNAMUL.

Sendo assim, foi criado o Organograma do Programa de Necessidades a fim de apresentar as primeiras diretrizes para o projeto. Embora os itens estejam relacionados a um objetivo geral, para facilitar a compreensão, eles são transdisciplinares e podem atender mais de um objetivo geral.

\* Registros fotográficos pela autora, no PARNAMUL, 2021.

# PROPOSTA PARA ÁREA DE INTERVENÇÃO

## Programa de Necessidades

## Importância do Escotismo

Por se tratar de um elemento de caráter singular, típico e essencial no local de intervenção, presente no Programa de Atividades, entendeu-se que é relevante explicá-lo, bem como o motivo de sua inserção no projeto. O Escotismo é um Movimento de caráter educacional, voluntário e sem fins lucrativos, que incentiva crianças e jovens a se desenvolverem socialmente, através de atividades e dinâmicas integradas com a comunidade – desempenhando assim, um papel construtivo. Para fazer parte do Movimento, os interessados procuram uma Unidade Escoteira Local e começam o engajamento, baseado nos dez valores e princípios da Lei Escoteira:

1. O escoteiro tem uma só palavra.
2. O escoteiro é leal.
3. O escoteiro está sempre alerta para ajudar o próximo e pratica diariamente uma boa ação.
4. O escoteiro é amigo de todos e irmão dos demais escoteiros.
5. O escoteiro é cortês.
6. O escoteiro é bom para os animais e as plantas.
7. O escoteiro é obediente e disciplinado.
8. O escoteiro é alegre e sorri nas dificuldades.
9. O escoteiro é econômico e respeita o bem alheio.
10. O escoteiro é limpo de corpo e alma.

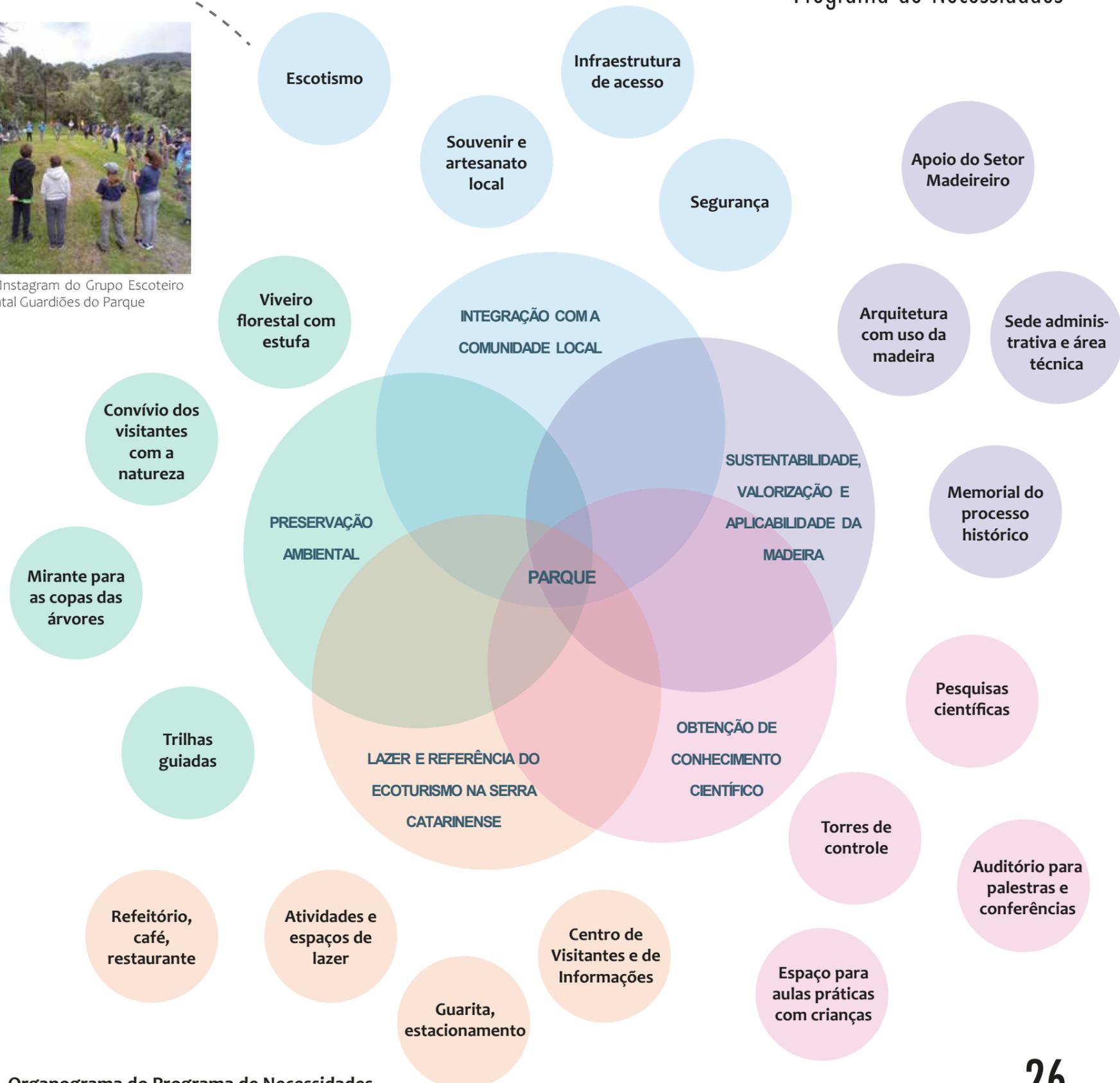
Além disso, os integrantes são divididos, de acordo com a faixa etária, para realizar atribuições condizentes dentro dos seis âmbitos destacados – físico, intelectual, social, afetivo, espiritual e de caráter - assim, os grupos são: Lobinho (de seis anos e meio a dez anos), Escoteiro (de 11 a 14 anos), Sênior (de 15 a 17 anos) e Pioneiro (de 18 a 21 anos). (Site Oficial Escoteiros do Brasil)

O Movimento Escoteiro, que surgiu em 1907 na Inglaterra, acredita que os jovens possam construir um mundo melhor, mais justo e mais fraterno, tornando-se cidadãos ativos com valores comuns. Em Lages, existem 4 Unidades Escoteiras: o Grupo Escoteiro Lages 01/SC – criado em 1940 como Tropa Tupi, em seguida Grupo Escoteiro Tupi e hoje Grupo Escoteiro Lages, foi a primeira Unidade a fazer parte oficialmente da União dos Escoteiros do Brasil (UEB), carregando o número 01; o Grupo Escoteiro Heliodoro Muniz 69/SC, segundo grupo criado na cidade; o Grupo Escoteiro Ambiental Guardiões do Parque 170/SC, fundado em 2018, é o primeiro Grupo Escoteiro Ambiental do Brasil e possui sede e atividades no Parque Natural Municipal João José Theodoro da Costa Neto; e o Grupo Escoteiro do Ar Galhas de Aço 179/SC, fundado em 2020, é o primeiro da modalidade Ar em Santa Catarina. (Escoteiros do Brasil)

Sendo assim, torna-se necessário considerar o Escotismo no Programa de Atividades desenvolvido para o Parque das Araucárias, visto que é um programa educacional extremamente importante e significativo para a cidade e para a UC. Isto porque, o Grupo Escoteiro Ambiental Guardiões do Parque 170/SC está estreitamente relacionado ao Parque existente e inclui atividades ecológicas como trilhas, visitas a cachoeiras, palestras e outros eventos dentro da UC.



Fonte: Instagram do Grupo Escoteiro Ambiental Guardiões do Parque



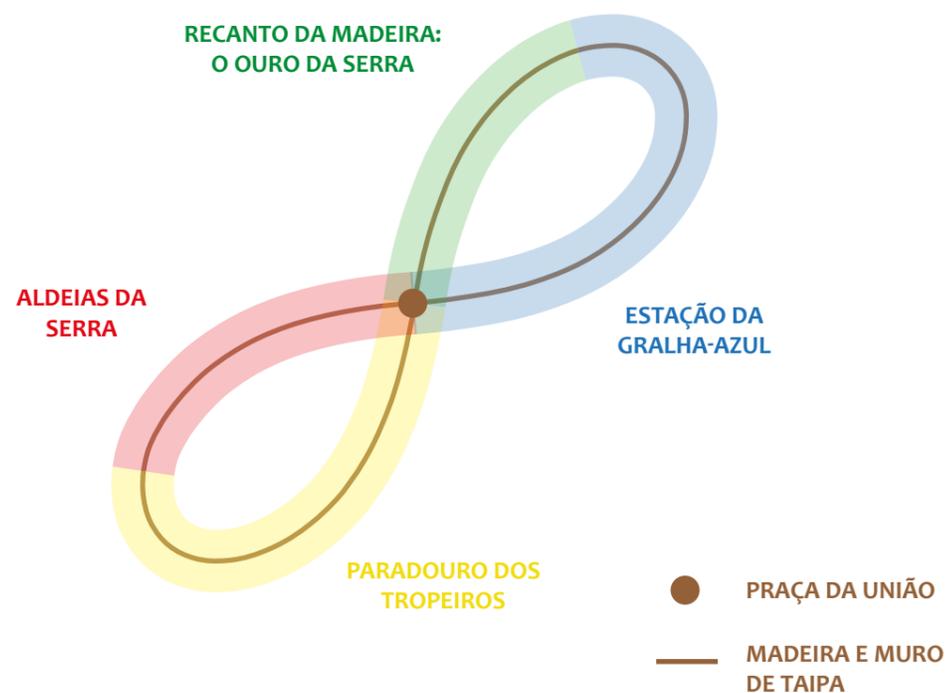
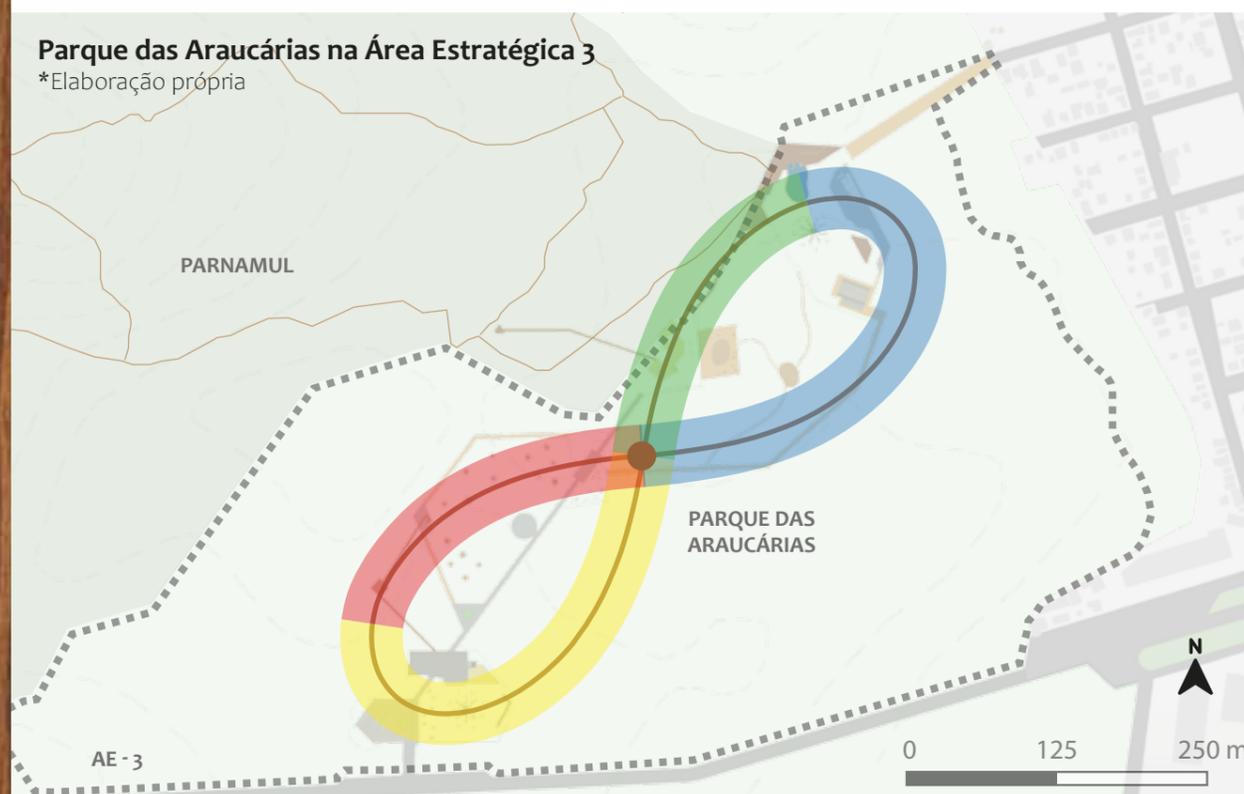
Organograma do Programa de Necessidades

\*Elaboração própria

## Princípios e Concepção

De acordo com o estudo produzido, o desenvolvimento do Parque das Araucárias abarca complexidades que transcorrem os fatores apresentados e os questionamentos construídos. Ao idealizar um projeto existem infinitas circunstâncias que se projetam a ele simultaneamente e, à medida que elas se tornam cognoscíveis e intrínsecas à configuração e ao desenho desta proposta, maior o potencial de alcançar a organicidade e o equilíbrio entre as necessidades e os anseios do projeto. Sendo assim, foram ponderados quatro princípios para o Parque, a fim de nortear as decisões de projeto e enfatizar o seu significado.

Primeiramente, o princípio de **Parque Ambiental**, entendendo que nada se sobrepõe a paisagem; que é preciso conservar, valorizar e enaltecer a biodiversidade local; que é básica e oportuna a convivência no meio da natureza; e que é uma virtude sociocultural ter acesso à educação ambiental. Em segundo lugar, considera-se o princípio de **Parque Memorial**, reconhecendo a sua essência e o seu desempenho de equipamento capaz de reinterpretar e refletir a análise histórico-cultural da região serrana, na forma de projeto arquitetônico e urbanístico, e instigando os usuários do Parque a um pensamento crítico e consciente sobre esse retrospecto. Em seguida, traz-se o princípio de **Parque da Juventude**, explorando as diretrizes da UC, disseminando conhecimento e o aplicando na própria construção do Parque – visto que, através do viveiro florestal e das aulas práticas, a comunidade poderá colaborar na plantação de espécies (como a Araucária), em locais previstos, e também acompanhar seu crescimento e, portanto, o crescimento do Parque. Por fim, concebe-se o princípio de **Parque Sensorial**, exaltando a mescla de sensações internas e únicas que cada usuário do Parque se permite explorar ao longo do percurso e das múltiplas interações com o meio ambiente – sendo elas voluntárias ou não.



Posto isto, com o propósito de se acercar do terreno e começar, de fato, o traçado do Parque, elaborou-se o **Mapa Conceitual do Parque das Araucárias**, com a intenção de se aproximar do processo de criação gradativamente e de trazer elementos que reforçam os princípios do Parque. Sendo assim, o mapa busca uma reflexão dinâmica, através do ordenamento espacial, sobre as esferas que fizeram e fazem parte da construção da cultura serrana: a histórica, a cultural, a econômica, a ambiental e a social; e, tendo em vista o princípio de parque memorial, o projeto foi desenvolvido a fim de evidenciar aspectos cruciais para a formação da sociedade contemporânea dessa região. Assim como apresentados na linha do tempo, os povos nativos (kaingang e xocleangs), os colonizadores, o ciclo da madeira e a questão ambiental (florestas de araucárias) são fundamentais para essa compreensão; e, por isso, aparecem em destaque.

Como ilustrado, o Mapa Conceitual é uma analogia à essa linha do tempo realizada, criando um percurso e uma narrativa para o Parque, conforme os quatro períodos estudados anteriormente (pré-colônia, colonização, Brasil independente e sociedade contemporânea). Sendo assim, o Parque possui quatro áreas principais, com diferentes equipamentos, hierarquias e formas de uso, mas que, sobretudo, representam, através de suas particularidades, uma reinterpretação e consideração com a memória local. Com isso, tem-se o **Paradouro dos Tropeiros**, que faz referência aos colonizadores, em especial, aos tropeiros, e questões a eles relacionadas; as **Aldeias da Serra**, que exaltam os povos nativos e reinterpretem sua forma de vida em sociedade; o **Recanto da Madeira**, que traz uma reflexão sobre o ciclo da madeira, o desmatamento e o crescimento das serrarias; e a **Estação da Gralha-Azul**, que ressalta aspectos ambientais e relacionados ao surgimento de novas tecnologias em prol da sustentabilidade. Além disso, o Mapa aponta o cruzamento das quatro narrativas, e, então, tem-se a **Praça da União**, representando, simbolicamente, a cultura serrana como a fusão de todas essas considerações apresentadas.

Além do Mapa Conceitual, identificou-se dois elementos, alinhados com a concepção, para atuarem como os fios condutores do Parque, recebendo protagonismo por ressaltarem a construção local: **a madeira**, como principal linguagem arquitetônica; e **o muro de taipa**, como referência característica dos percursos. Outra particularidade que marca o projeto, são os mobiliários que foram inseridos com o objetivo de estabelecer unidade e identidade para o projeto. Dessa forma, buscou-se uma narrativa – não linear – articuladora entre os espaços construídos e abertos que configuram o Parque.

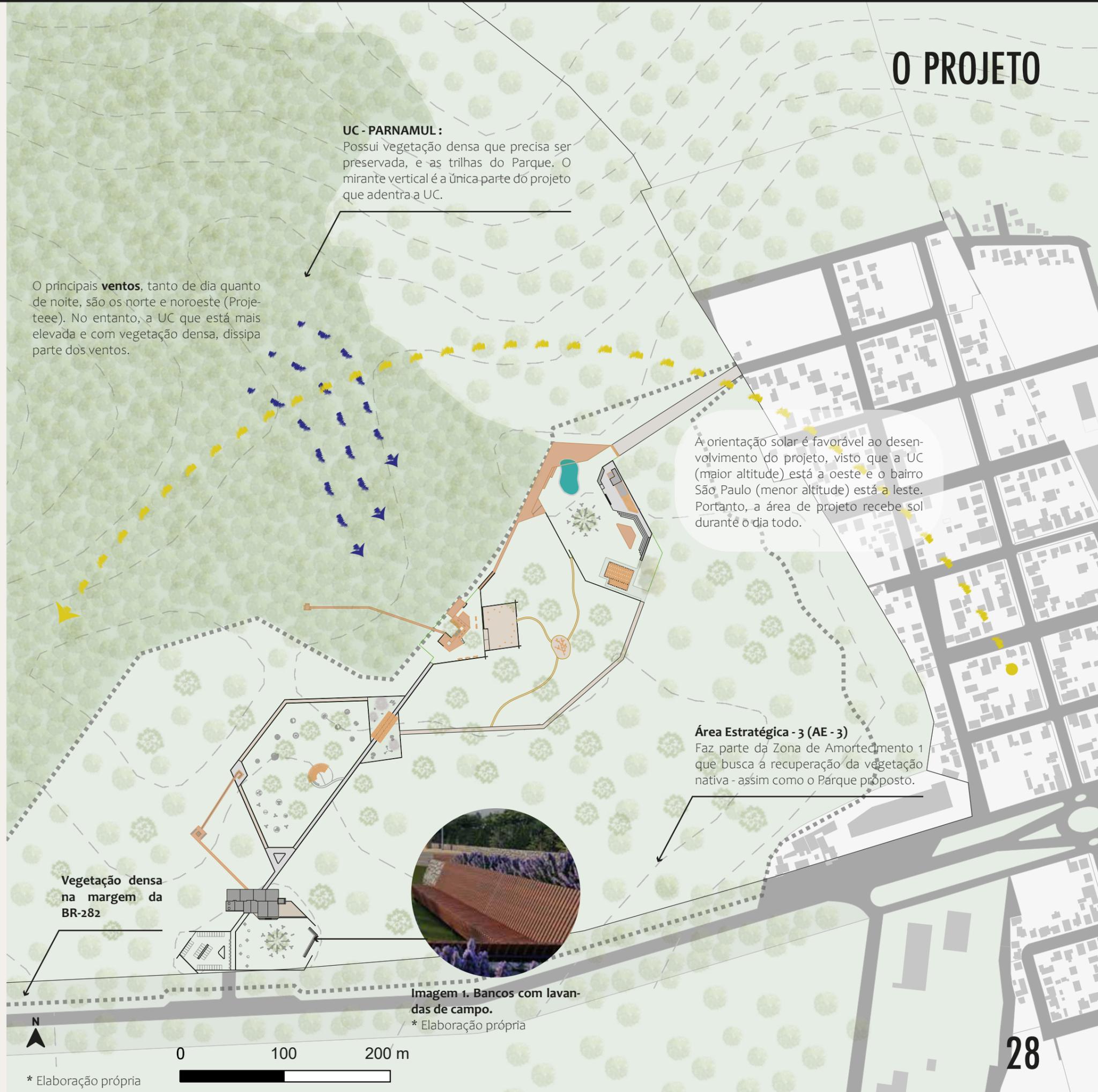
**Mapa Conceitual do Parque das Araucárias**  
\*Elaboração própria

## Paisagismo

Conforme as diretrizes de paisagismo presentes no Plano de Manejo e os ideais para a concepção do Parque, entende-se que, sobretudo, a recuperação gradual da vegetação nativa é primordial para esta área, uma vez que está inserido na Zona de Amortecimento 1, a qual possuía reflorestamento com espécies exóticas e representava risco de contaminação da UC; ademais, na definição das AE, esta área (AE - 3) também enfatiza a regeneração. De certa forma, a maior parte do Parque das Araucárias terá um paisagismo voltado ao crescimento natural e espontâneo das espécies existentes e preservadas na UC.

Além disso, destaca-se a importância de integração da paisagem com as edificações, a comunicação visual, a contemplação, a eliminação de barreiras físicas e a interação das pessoas com a natureza – particularidades que também foram consideradas para estabelecer unidade, harmonia e disciplina nos usos externos. Deste modo, adotou-se como decisão projetual um desenho livre de recomposição da paisagem, ao invés de um paisagismo essencialmente delineado e estruturado, a fim de criar uma continuidade da UC. No entanto, em algumas áreas de permanência e lazer, foram planejados espaços com espécies típicas dali – por serem entendidas como condizentes em seus contextos, explorando a essência da região, a natureza e sua substância e a conexão com os sentidos humanos (olfato, visão, tato e audição); sem se sobrepor às demais diretrizes.

Neste sentido, um dos exemplos significativos do parque é a composição, ilustrada na imagem X, em que é possível ver um banco diferenciado, mais alto, confortável e contínuo com o muro de taipa (banco de parque Landscape, da MMCité). Atrás dele, um canteiro alto com as lavandas de campo – marcantes na região. Esse conjunto foi concebido para que os visitantes, ao sentar, consigam relaxar com o encosto mais alto, sintam o perfume único advindo dessas flores com as correntes de ar e, tenham a visão da araucária símbolo do parque e da paisagem montanhosa com a edificação, que, dentro de seu partido arquitetônico, buscou ser integrada com seus telhados inclinados e forma desconstruída. É um dos momentos de contemplação do Parque.



**UC - PARNAMUL :**  
Possui vegetação densa que precisa ser preservada, e as trilhas do Parque. O mirante vertical é a única parte do projeto que adentra a UC.

O principais **ventos**, tanto de dia quanto de noite, são os norte e noroeste (Proje-tee). No entanto, a UC que está mais elevada e com vegetação densa, dissipa parte dos ventos.

A orientação solar é favorável ao desenvolvimento do projeto, visto que a UC (maior altitude) está a oeste e o bairro São Paulo (menor altitude) está a leste. Portanto, a área de projeto recebe sol durante o dia todo.

**Área Estratégica - 3 (AE - 3)**  
Faz parte da Zona de Amortecimento 1 que busca a recuperação da vegetação nativa - assim como o Parque proposto.

**Vegetação densa na margem da BR-282**



**Imagem 1. Bancos com lavandas de campo.**  
\* Elaboração própria

\* Elaboração própria

## Implantação Geral

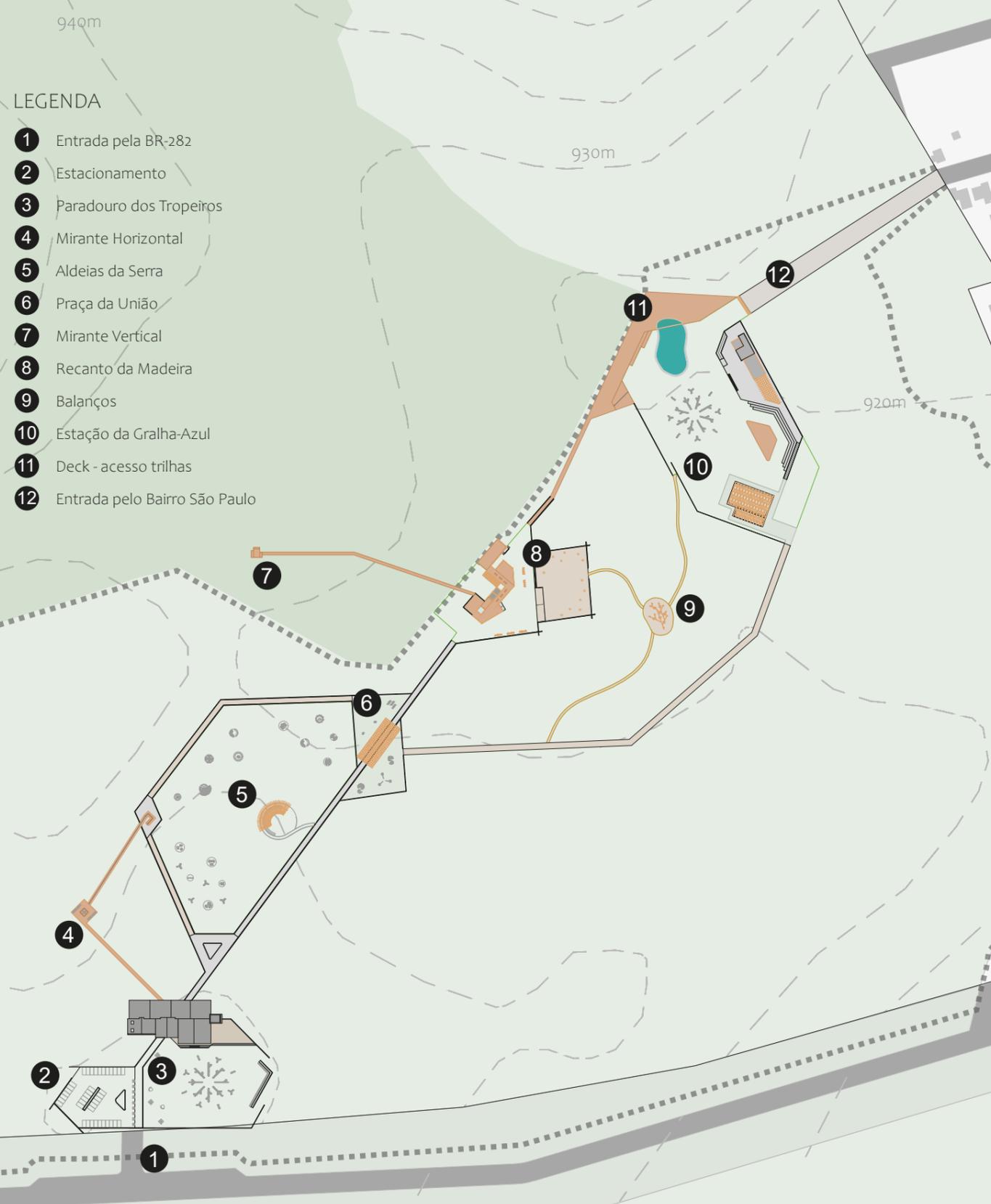
Considerando a implantação proposta, nota-se a abertura de uma entrada pela BR-282 e, seguramente, essa é uma das decisões de projeto marcantes por ajudar na definição, na logística, na hierarquia de usos e na estrutura do Parque. Através disso, o Parque se estabelece com duas entradas, sendo que cada uma delas possui características diferentes, ainda que não haja exclusividade: a que já existia, que passa a ser mais integrada com a comunidade e suas dinâmicas locais; e essa nova, que tem maior aproximação com os visitantes e/ou turistas que vêm pela rodovia. Dessa forma, buscou-se uma lógica no desenho para distribuir o Programa de Atividades com assertividade em relação aos fluxos, dinâmicas e organização espacial. Além disso, é interessante destacar que, baseando-se também nos princípios do Parque, procurou-se a adequação com a topografia local, realizando a mínima movimentação de terra possível e entendendo que alguns caminhos já estavam previamente determinados.

Sendo assim, levando em consideração todas as questões explanadas e ilustradas, a composição do Parque ocorreu de maneira muito espontânea, entendendo que a sua configuração, embora seja complexa, é também simples. Primeiramente, o Paradoiro dos Tropeiros é uma das áreas mais movimentadas por receber visitantes pela BR-282, sejam eles turistas, grupos de famílias, vans escolares, dentre outros; e, por isso, possui um espaço para essa recepção, com estacionamento, restaurante, área verde com bancos, aluguel de bicicletas, informações sobre o Parque, área de exposições e ainda acesso a um mirante e às outras áreas. Adentrando mais, tem-se a área das Aldeias da Serra, que foi desenvolvida de forma muito orgânica e contínua com o relevo e o ambiente natural, abrangendo espaços multiuso para todas as pessoas, incluindo brinquedos para crianças, círculos de fogo de chão – muito comuns na região – e, áreas de lazer e descanso. Já na outra entrada, pelo bairro São Paulo, encontra-se a Estação da Galha-Azul, que foi pensada estrategicamente para ser moldada com a comunidade e, por isso, engloba as principais atividades promovidas pelo Parque, como dinâmicas relacionadas à educação ambiental (por exemplo, palestras e práticas no Dia da Água e no Dia do Meio-Ambiente), o viveiro de mudas promovendo contato e conscientização da comunidade com o meio-ambiente, além de conter a sede administrativa, espaços multiuso (como anfiteatro) e o acesso organizado às trilhas ecológicas dentro da Unidade de Conservação. Atravessando isso, depara-se com o Recanto da Madeira (“o Ouro da Serra”), também mais conectado com os moradores locais, é uma área a ser aproveitada pelos escoteiros do Grupo Escoteiro Ambiental Guardiões do Parque 170/SC (extremamente valioso para a comunidade e para a preservação da UC), pelos pesquisadores e cientistas; além disso, contém uma biblioteca aberta à visitação com exemplares das espécies e estudos sobre o Parque. Por fim, tem-se a Praça da União, que é, de fato, uma área de passagem, em que os caminhos do Parque se encontram, com equipamentos de estar na área verde e, que se tornou simbólica conforme mencionado no Mapa Conceitual.

Como visto, o Programa de Atividades que, num primeiro momento era um grande emaranhado, fluiu simultaneamente com o entendimento da configuração e disposição dos elementos junto às pré-existências. Outros pontos interessantes a salientar são o elemento simbólico do Parque, a Araucária central, com bancos que se ramificam sob ela em ambas as entradas – sendo que todos que entram no Parque se deparam com ela, seja por qualquer entrada –; a hierarquia de usos, que fica evidenciada com a distribuição do programa, atraindo públicos diferentes em cada entrada, mas que, no entanto, convida todos a percorrerem o Parque inteiro; e o paisagismo que também colabora na conformação dos espaços. Além disso, ressalta-se que apenas o mirante vertical adentra a UC – sendo que o restante dos elementos projetados está na Zona de Amortecimento 1.

### LEGENDA

- 1 Entrada pela BR-282
- 2 Estacionamento
- 3 Paradoiro dos Tropeiros
- 4 Mirante Horizontal
- 5 Aldeias da Serra
- 6 Praça da União
- 7 Mirante Vertical
- 8 Recanto da Madeira
- 9 Balanços
- 10 Estação da Galha-Azul
- 11 Deck - acesso trilhas
- 12 Entrada pelo Bairro São Paulo



0 100 200 m

# O PROJETO

Paradouro dos Tropeiros



## Paradouro dos Tropeiros

Analisando o local de acesso ao Parque pela rodovia BR-282, o Paradouro dos Tropeiros recebeu tal nomenclatura por vários motivos, mas, sobretudo, por referenciar um dos movimentos mais importantes da região no período colonial – o dos Tropeiros. As outras razões englobam a mescla de conceitos explorados na construção do Parque das Araucárias: considera-se simbólica esta entrada por convidar viajantes a fazer uma parada diferente em seu percurso, que, em analogia, eles representam os tropeiros e, a BR-282 uma das rotas mais importantes da região – embora esta rodovia não tenha sido o Caminho dos Tropeiros principal, ela representou um dos ramais importantes de conexão com o litoral, fazendo parte do Caminho dos Conventos, aberto por Francisco de Souza e Faria (Forquilha, 2019).

Além disso, a arquitetura da edificação traz elementos e características peculiares das casas coloniais da região, de uma forma contemporânea: embasamento de pedra para elevar a construção, criação de varandas, a madeira sempre visível e a cobertura com telhados inclinados. Essas referências também têm por objetivo a fluidez visual e construtiva, integrando-se com a paisagem existente – a cobertura, por exemplo, buscou essa conexão com a vista montanhosa da UC.

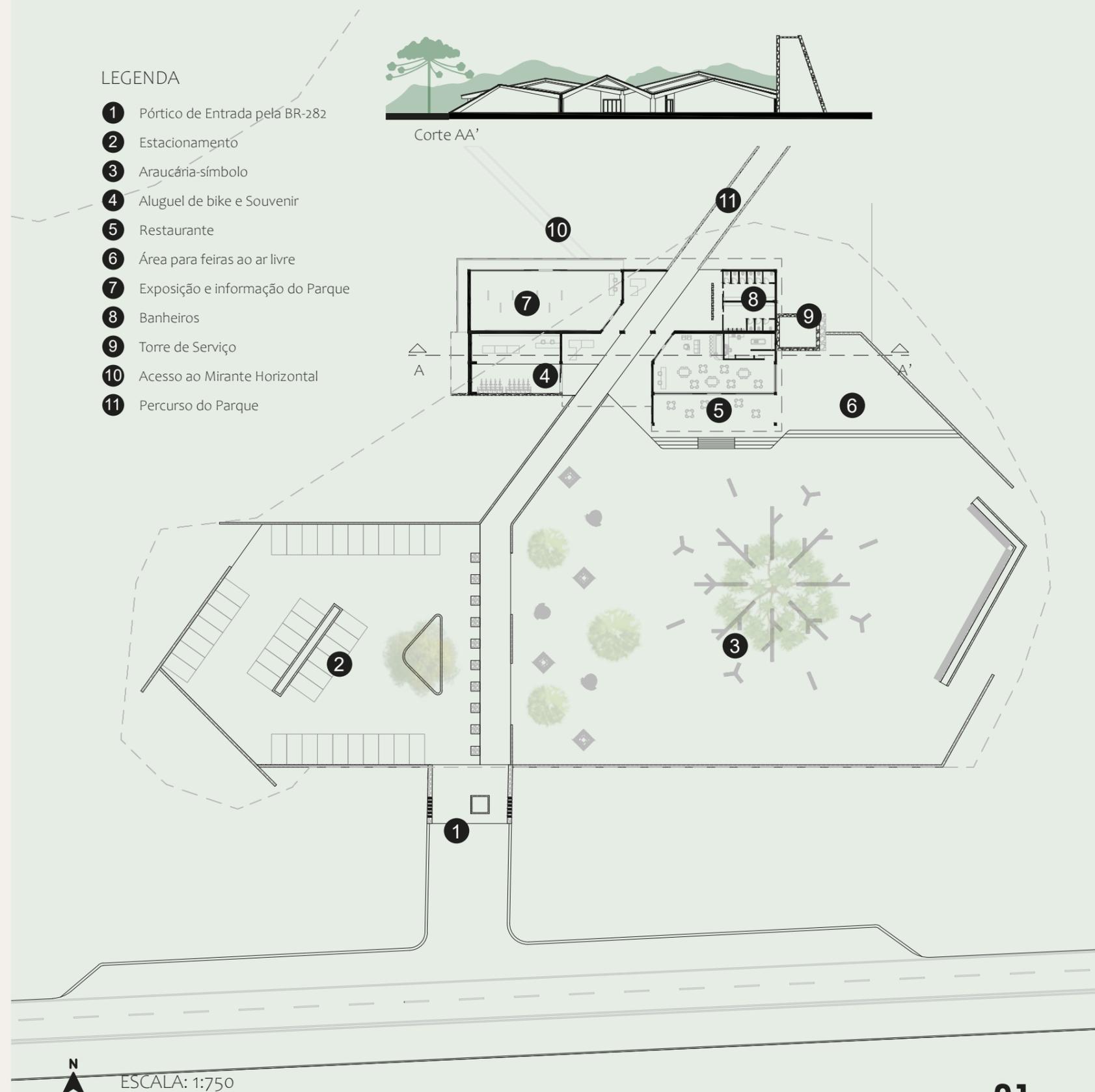
Em relação ao Programa de Atividades, entende-se que, devido às questões levantadas, essa parte do Parque é uma das mais movimentadas, além de ser a área de entrada principal; por isso, é um espaço destinado tanto a paradas mais rápidas, quanto a pessoas que desejam conhecer o restante do Parque. Dessa forma, ao entrar pelo Paradouro dos Tropeiros, existe uma área de estacionamento e uma edificação integrada com uma área verde; assim, na construção há: um restaurante com varanda e espaço multiuso (para feiras, por exemplo); sala para aluguel de bicicletas; área de informações sobre o Parque; e uma sala de exposição – que pode ser adaptada conforme a agenda do Parque – com saída para o mirante horizontal, que é acessível e possui vista para a UC e para as outras áreas projetadas.

Conforme exposto anteriormente, há uma araucária símbolo do Parque e da região na área verde, com bancos que se ramificam a partir dela – os bancos Woody (da MMcité). Além deste mobiliário, neste jardim também tem o banco Landscape (da MMcité) e o banco de pedra reconstruída Moonstone (da Metalco do Brasil). E, na arquibancada, foram colocados os bancos Port (da MMcité) que se encaixam neste embasamento.

Já a edificação, também é cortada pelo caminho principal e “fio condutor” do Parque, com o intuito de atrair as pessoas para o percurso. Esse trajeto traz consigo uma narrativa – não necessariamente linear – abarcando a essência da região em diversos aspectos e contando a história através de uma perspectiva (da autora do TCC) que inclui diversas outras que foram analisadas no processo de construção deste TCC. Dessa forma, outras pessoas podem vislumbrar as riquezas que se revelam sob diversos aspectos, mas que muitas vezes estão ocultas e passam despercebidas.

### LEGENDA

- 1 Pórtico de Entrada pela BR-282
- 2 Estacionamento
- 3 Araucária-símbolo
- 4 Aluguel de bike e Souvenir
- 5 Restaurante
- 6 Área para feiras ao ar livre
- 7 Exposição e informação do Parque
- 8 Banheiros
- 9 Torre de Serviço
- 10 Acesso ao Mirante Horizontal
- 11 Percurso do Parque



\* Elaboração própria

# O PROJETO

## Paradouro dos Tropeiros

Araucária símbolo do Parque em ambas as entradas, com bancos em diferentes alturas que se ramificam a partir do seu tronco. Nestes bancos, crianças e adultos podem encontrar o seu ideal!

Como mencionado no Mapa Conceitual, o Parque busca explorar os diferentes sentidos em contato com a natureza. Este é o banco com as lavandas de campo que foi citado, ideal para relaxar e sentir o perfume das flores.



# O PROJETO

Paradouro dos Tropeiros

A torre de pedra da edificação do Paradouro dos Tropeiros é avistada na BR-282 com o símbolo do Parque.

A entrada pela BR-282 é sinalizada com o desvio na pista, seguida com o seu pórtico e guarita para recepção. Além de ser o melhor acesso aos turistas, pode receber ônibus e vans com grupos escolares ou outros visitantes.

# O PROJETO

Paradouro dos Tropeiros



\* Registro fotográfico pela autora, em Lages, 2022.

Muro de taipa e madeira são características do Parque.

# O PROJETO

Paradouro dos Tropeiros

Vista adentrando a edificação.

# O PROJETO

Paradouro dos Tropeiros



Parede de pedra em frente à entrada dos banheiros.

A edificação é atravessada pelo caminho principal do Parque e pode receber feiras artesanais no seu percurso; no entanto, todas as ambiências são fechadas. Além disso, o vão é importante para a circulação de ar e para a iluminação interna.

# O PROJETO

Paradouro dos Tropeiros



Este ambiente integrado é dividido em duas partes através do piso. O piso de pedra, que continua o caminho pelo Parque, possui bicicletas e patinetes para alugar e realizar seu percurso; já o piso de madeira, possui uma área de venda de souvenirs e artesanato local.

# O PROJETO

Paradouro dos Tropeiros



A área de exposição do Parque é um ambiente multiuso para exposições relacionadas ao Parque, à cidade e a cultura serrana. Além disso, é destinado ao centro de informações ao visitante e possui vista e acesso para o mirante horizontal.

# O PROJETO

Paradouro dos Tropeiros

O mirante horizontal é acessível e contempla a vista do Parque e da Unidade de Conservação em diferentes ângulos. Além disso, há a experiência de caminho pelas copas de araucárias!

# O PROJETO

Aldeias da Serra



Ao longo do Parque, existem plaquinhas de madeira indicando as atividades e áreas de visitas pelo caminho, como é possível ver à direita na imagem.

## Aldeias da Serra

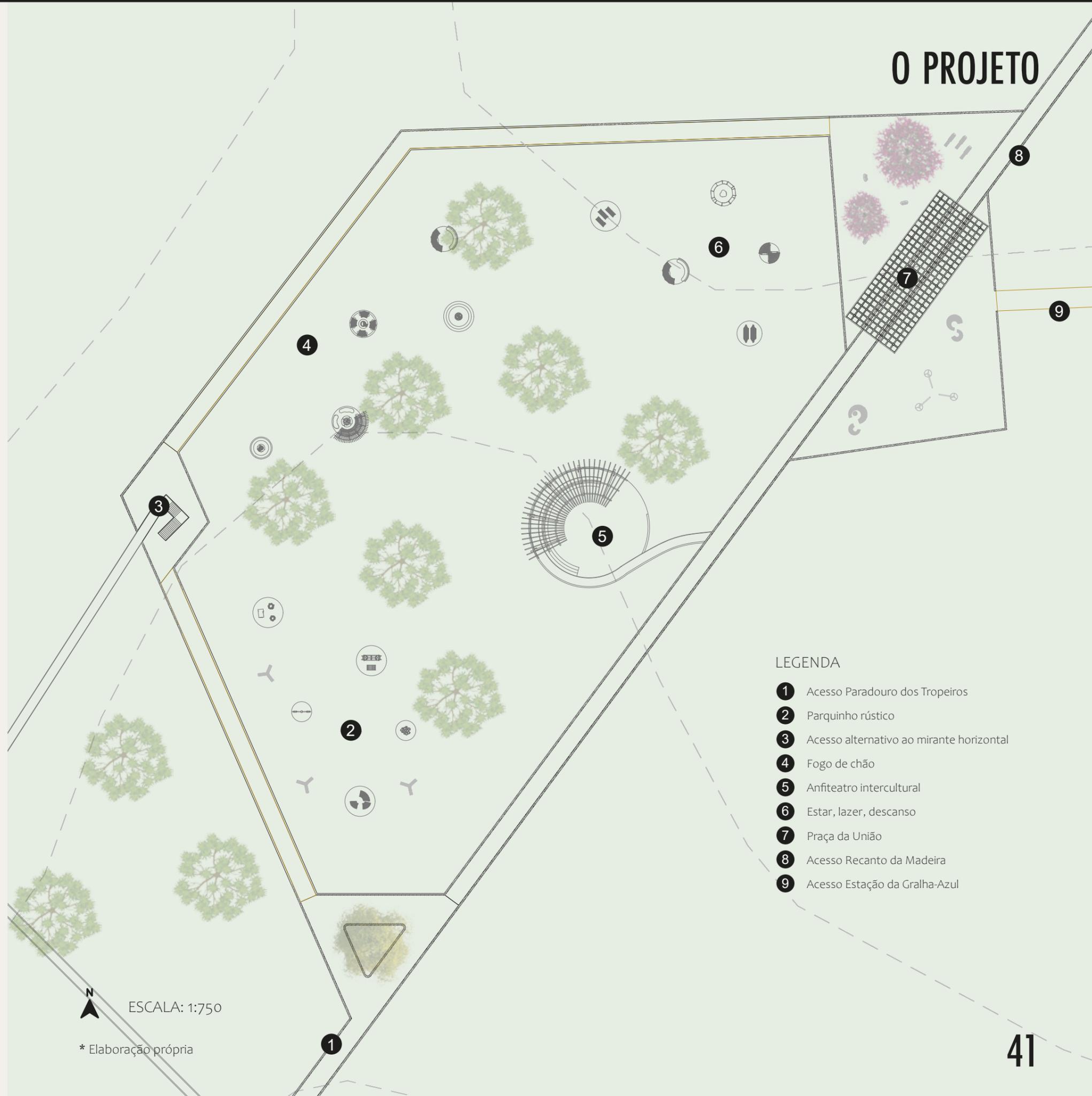
Seguindo a análise da Serra Catarinense, as Aldeias da Serra reinterpretam as formas de organização social dos povos originários, e por isso essa região do Parque recebeu esse nome. Trata-se de um espaço com características de bosque, no qual vários círculos com diferentes tamanhos e usos estão inseridos. Dessa forma, a arquitetura e o paisagismo buscaram uma releitura das casas subterrâneas – com estrutura de pedra e madeira – que eram fundamentais para proteção contra o frio e animais selvagens, para reunião das famílias e para armazenamento de comida e mantimentos.

No projeto, esses aspectos mais empíricos são lembrados também através da reunião de famílias e amigos, e do fogo de chão, típico da cultura serrana. Ainda assim, os círculos possuem diâmetros condizentes com os das casas subterrâneas encontradas por estudiosos e foram agrupados em três: uns com brinquedos de madeira, especialmente para crianças; outros com fogo de chão; e, outros ainda, com estruturas de estar, lazer e descanso. Os primeiros, estão mais próximos uns dos outros para que as crianças possam interagir e brincar umas com as outras; já os demais, são dispostos com maior distância, separados por arbustos, para gerar maior privacidade para os grupos usuários.

Ademais, foi pensado num Anfiteatro Intercultural valorizando a inclusão social para, além das visitas, ser um espaço aberto multiuso, com próprio depósito e baheiros, podendo também ser apropriado por grupos indígenas e grupos escolares, por exemplo.

Todos os círculos são diferentes entre si e são criados com pedra e/ou madeira, e estão situados conforme a topografia original – sendo assim, muitos deles são também semienterrados. Outra característica peculiar são as coberturas pergoladas criadas, formal e estruturalmente identificadas com as das casas dos nativos da região.

## O PROJETO



ESCALA: 1:750

\* Elaboração própria

### LEGENDA

- 1 Acesso Paradauro dos Tropeiros
- 2 Parquinho rústico
- 3 Acesso alternativo ao mirante horizontal
- 4 Fogo de chão
- 5 Anfiteatro intercultural
- 6 Estar, lazer, descanso
- 7 Praça da União
- 8 Acesso Recanto da Madeira
- 9 Acesso Estação da Galha-Azul

# O PROJETO

Aldeias da Serra

O parquinho rústico com brincadeiras alternativas para crianças, valorizando o contato com a natureza.

Bancos, especialmente para os pais que aguardam as crianças.

# O PROJETO

Aldeias da Serra



Círculos de fogo de chão, característicos da serra catarinense, com o intuito de reunir famílias e amigos.

# O PROJETO

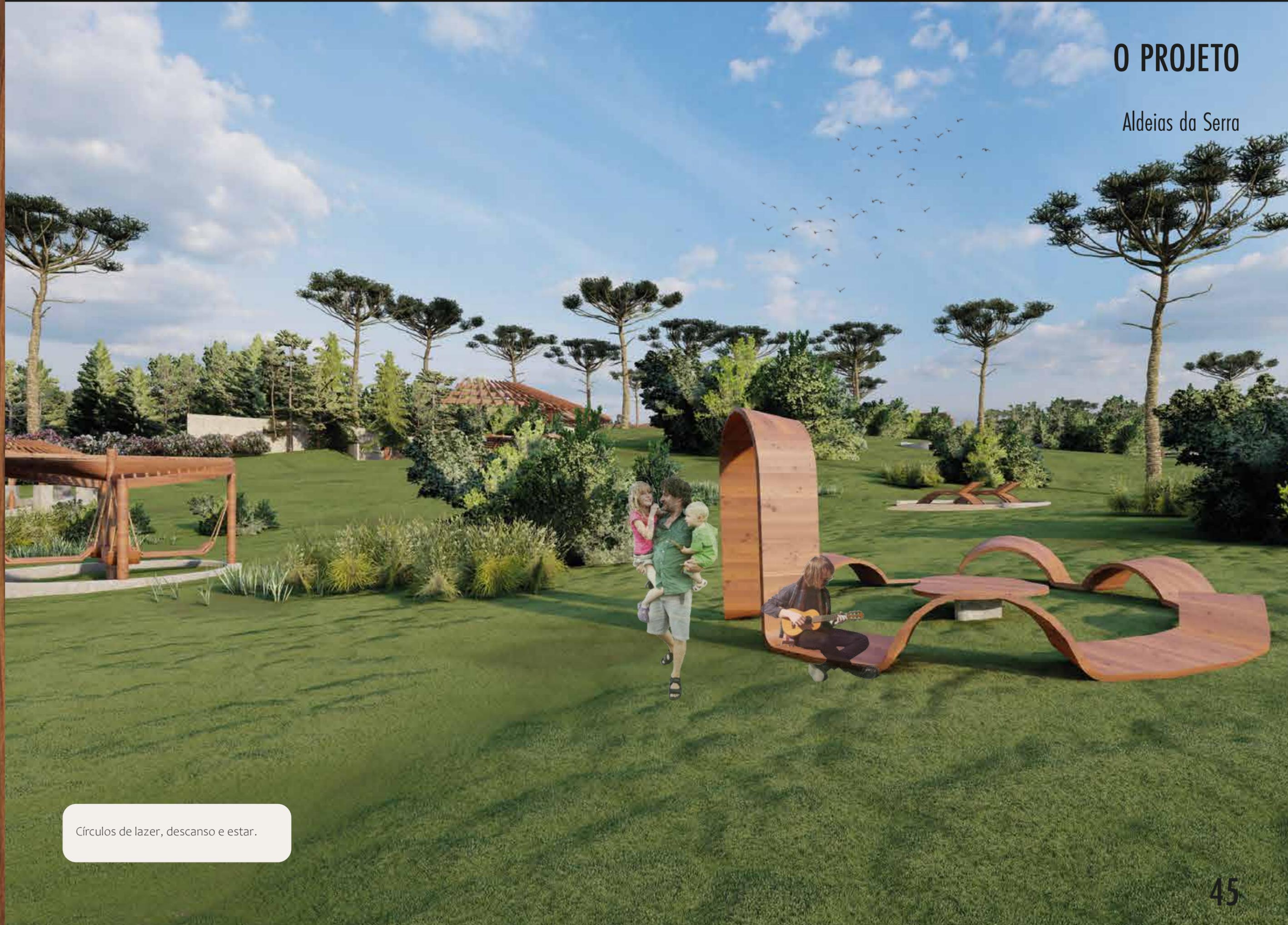
Aldeias da Serra



Círculos de lazer, descanso e estar.

# O PROJETO

Aldeias da Serra



Círculos de lazer, descanso e estar.

# O PROJETO

Aldeias da Serra

Sanitários e depósito de materiais.

O anfiteatro intercultural, assim como os demais círculos, faz uma releitura da arquitetura indígena no local e pode ser usado por diferentes grupos, como a própria comunidade indígena. Uso de pedra e madeira, além da rampa que o circunda é uma característica marcante.

Parede de pedra com grafismo kaingang e para proteção contra o vento.

# O PROJETO

Praça da União



A ideia central é que cada parte do parque proporcione uma experiência diferente, por isso, foram pensados em diferentes equipamentos para compor o Parque.

## Praça da União

Como mencionado no Mapa Conceitual, a Praça da União é o local de encontro dos quatro caminhos do Parque: o do Paradoiro dos Tropeiros, o da Aldeias da Serra, o do Recanto da Madeira e o da Estação da Galha-Azul; e se caracteriza por ser um local de passagem com alguns mobiliários de parque para permanência, simbolizando que a cultura serrana floresce a partir da fusão dos elementos ressaltados em cada uma dessas quatro áreas destacadas. Sendo assim, embora esse local possua uma hierarquia de uso inferior aos outros, ele foi planejado para ser um ponto de encontro com suas peculiaridades.

O caminho possui um pergolado quadriculado de madeira que traz a sensação de pavilhão e, assim como as demais arquiteturas, pode ser local de contemplação acerca da versatilidade da construção em madeira. Essa cobertura está entre dois jardins de estar concebidos: um deles com o Balanço Tempo (da Metalco do Brasil) e com o conjunto Lago (da MMcité); e o outro com o banco Satellite (da MMcité) e com o banco Woody Scorpio (da MMcité). Com essas escolhas de mobiliário se buscou identidade para o Parque, singularidade para cada espaço originado, diversão para os usuários e integração com a natureza: o banco Satellite, por exemplo, é um bloco de pedra arredondado disposto na vertical, com uma base horizontal de madeira para sentar; o Woody Scorpio possui uma forma que abraça a pessoa para que se encoste e estique as pernas, além de possuir placas fotovoltaicas que geram energia para tomadas na sua lateral; o Balanço Tempo é um brinquedo divertido para pessoas de todas as idades; e o conjunto Lago é um jogo de círculos e semicírculos que geram bancos e mesas para grupos de pessoas. Dessa forma, os usuários do Parque vão descobrindo cada cantinho à medida que passam por ali e então, o fio condutor com o muro de taipa segue para as demais áreas, escolhendo qual local deseja visitar para conhecer a riqueza da serra catarinense sob diferentes perspectivas.

A leste da cobertura pergolada, o Balanço-Tempo é uma outra forma de descanso no meio ambiente.



# O PROJETO

Praça da União



A oeste da cobertura pergolada, o banco-pedra Satellite compõe a paisagem e serve para meditação e miragem da natureza ao seu redor.

# O PROJETO

Recanto da Madeira



Troncos que receberam plantação de árvores, simbolizando a nova vida.

# O PROJETO

## Recanto da Madeira

De acordo com a contextualização previamente apresentada, durante o período do Brasil Independente, houve uma corrida pelo “Ouro da Serra Catarinense”, a araucária, intensificando o que se denominou “Ciclo da Madeira”. Neste espaço do Parque se explora uma reflexão sobre esse momento do ciclo da madeira na serra catarinense através de elementos projetuais – razão pela qual se denominou Recanto da Madeira.

Para isso, o macro espaço é dividido em dois: um com uma edificação, cuja arquitetura faz alusão ao empilhamento das madeiras nas serrarias; e o outro com uma praça de terra batida com bancos rústicos, na forma de tocos de árvores, evidenciando, em um primeiro momento, o desmatamento. Assim, a ideia desse espaço é justamente propiciar o reconhecimento de acontecimentos que marcaram a região e, juntamente com diversos outros fatores, oportunizaram o desenvolvimento e a evolução do local e da sociedade até a sua existência atual. Hoje, é possível perceber as situações sob novas perspectivas e com outra consciência acerca dos fatos, e, por isso, o objetivo desta área não é meramente uma crítica positiva ou negativa sobre a época; e sim, o entendimento das circunstâncias que empoderaram a compreensão da sociedade atual, bem como a justificativa de seus objetivos. É ainda, sobre entender que a conjuntura, as necessidades e os grupos envolvidos eram diversos; enquanto uns se fortaleciam, outros eram dizimados e enquanto a indústria madeireira crescia, florestas eram desmatadas. No entanto, naquele momento, com o entendimento construído dentro daquela sociedade, esse era o propósito que traria desenvolvimento em todos os âmbitos. E é por isso, que se deve ponderar os acontecimentos e entender que a consciência construída pela sociedade atual é, também, decorrente deles.

Em relação ao Programa de Atividades no Recanto Ouro da Serra, na edificação há a sede do Grupo Escoteiro Ambiental Guardiões do Parque 170/SC (com salas, oficinas e depósitos), sala de pesquisadores, dormitórios, biblioteca de exemplares com área aberta de estudo e acesso ao mirante vertical. Os escoteiros, como mencionado, possuem as suas “leis”, sendo que um dos objetivos é a proteção da natureza, também discutida na narrativa desta parte do Parque. Além disso, o objeto arquitetônico foi pensado com alguns objetivos: a fachada frontal ventilada com a referência das serrarias e a entrada “escondida” criam uma uniformidade interessante e misteriosa com a volumetria; e, ao entrar na edificação, o ambiente se revela totalmente integrado com a UC pelos fundos através de elementos estruturais que parecem cubos e mesclam o interno com o externo. Nesta área externa, há uma araucária e jardim para atividades; e, no andar superior, essas estruturas recebem redes de descanso sobre a área verde e ainda há o caminho até o mirante vertical. Trata-se de uma construção que, num primeiro momento parece monótona, mas aos poucos o usuário percebe que é completamente dinâmica.

Já na praça em frente à edificação, destinou-se um local para realização de diversas atividades escoteiras ou dinâmicas que eventualmente possam ocorrer. Embora existam os bancos representando troncos cortados, existem alguns que são ocos para receber a plantação de novas árvores – simbolicamente remetendo à importância de recuperar áreas desmatadas.



### LEGENDA

- 1 Acesso Praça da União
- 2 Biblioteca de exemplares
- 3 Banheiros
- 4 Sala de pesquisa
- 5 Área aberta
- 6 Sala e depósito escoteiros
- 7 Sala e depósito escoteiros
- 8 Tanques e chuveiros escoteiros
- 9 Acesso Estação da Galha-Azul
- 10 Área atividades escoteiros
- 11 Acesso balanços nas árvores
- 12 Acesso mirante vertical
- 13 Dormitórios
- 14 Sala escoteiros

\* Elaboração própria



Corte BB'

# O PROJETO

Recanto da Madeira



# O PROJETO

Recanto da Madeira



# O PROJETO

Recanto da Madeira

Prisma de luz para iluminação.

Biblioteca de exemplares do Parque e área de visitação, pesquisa e estudo.

# O PROJETO

Recanto da Madeira

A escada dá acesso ao mirante vertical.

Ao entrar na edificação, percebe-se que ela se abre para a Unidade de Conservação, integra o meio externo e o meio interno e ainda recebe iluminação. O vento principal (noroeste) é barrado pela vegetação da UC. E a madeira é fundamental para o conforto térmico.

# O PROJETO

Recanto da Madeira

Dormitórios.

Uma das salas dos escoteiros, para atividades internas. Seu interior foi pensado em círculo para suas reuniões e atividades em grupo.

# O PROJETO

Recanto da Madeira

O mirante vertical é a única parte do projeto que adentra a UC, está integrado com as trilhas e possui vista para belas paisagens da UC e seu entorno.

# O PROJETO

Recanto da Madeira

Indicações sobre as trilhas e o Parque.

Mirante integrado com o percurso das trilhas na UC.



# O PROJETO

Recanto da Madeira



Três pequenas trilhas levam os visitantes aos balanços nas árvores, um local mais reservado do Parque, para descanso.

# O PROJETO

Estação da Gralha-Azul



Araucária símbolo do Parque em ambas as entradas, com bancos em diferentes alturas que se ramificam a partir do seu tronco. Nestes bancos, crianças e adultos podem encontrar o seu ideal!

# O PROJETO

## Estação da Gralha-Azul

A Estação da Gralha-Azul, onde está situada a entrada pelo bairro São Paulo, é a parte do projeto que traz a reflexão sobre a relevância do aspecto ambiental, e as novas tecnologias a ele relacionadas, dentro do contexto serrano abordado. Dessa forma, o espaço nomeado faz alusão à ave que semeia a semente das araucárias – o pinhão, que desde a época pré-colonial é fonte de alimentação – e inclui um programa de atividades voltadas à educação ambiental. A araucária, por sua vez, foi fonte de extração da madeira para a construção por muito tempo, até o seu corte ser banido pelo IBAMA na Serra Catarinense. Hoje, devido às leis de preservação, se utiliza a madeira de reflorestamento e tecnologias de madeira engenheirada – utilizada no projeto arquitetônico das edificações do Parque.

Uma das necessidades do Parque é o viveiro de mudas e está inserido nesta área também pela integração com a comunidade, para que as pessoas possam semear e ajudar na sua construção; visto que a germinação de mudas nativas exerce um papel fundamental na manutenção das matas ciliares, bem como, na reconstrução de áreas e ecossistemas degradados. Além do viveiro, a Estação da Gralha-Azul possui a sede administrativa (já existente), em que foi projetada uma ampliação – sendo uma parte edificada e uma área aberta com pergolado – com salas para realização de dinâmicas e palestras com estudantes ou outros grupos formados.

Ainda assim, a paisagem natural é singular e inclui o único lago – que foi preservado – do Parque. Por isso, foi projetado um espaço de deck articulando o lago e seu entorno, justamente no limite com a UC, com bancos e redes de descanso, e a entrada para as trilhas ecológicas. Essa área explora as sensações de estar próximo a um corpo d'água e, adentrando a UC, é possível conhecer diversas espécies de fauna e flora preservadas – sendo que algumas estão ameaçadas de extinção. Como se pode observar, a área verde de estar é ampla e compreende também um anfiteatro multiuso, e a araucária central – símbolo do Parque e característica das suas entradas.



# O PROJETO

Estação da Gralha-Azul



Entrada do Parque pelo bairro São Paulo, com novo pórtico para acesso de pessoas. O estacionamento é na rua de acesso, sem adentrar o Parque.

# O PROJETO

Estação da Gralha-Azul

Viveiro de mudas.

Nova vista na entrada do Parque.

# O PROJETO

Estação da Gralha-Azul



Redes de descanso sobre o lago.

# O PROJETO

Estação da Gralha-Azul



A partir do deck, tem-se o acesso às trilhas no interior da UC.

# O PROJETO

Estação da Gralha-Azul

Ampliação da sede, com salas de pesquisa e/ou palestras, e área de preparo para as trilhas.

Anfiteatro multiuso.

# O PROJETO

Estação da Gralha-Azul

O viveiro de mudas busca a recuperação da vegetação nativa na Zona de Amortecimento e a educação ambiental.

# O PROJETO

Estação da Gralha-Azul



Cobertura pergolada com vista para o Parque.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

## Considerações Finais

O processo de desenvolvimento deste TCC é, realmente, a transformação de um conjunto de ideias e circunstâncias em sua materialização consciente. Dados todos esses pormenores que criaram o contexto para sua existência, o Parque das Araucárias é um exemplo da importância da investigação do desconhecido, da complexidade do que aparenta ser simples, das consequências que pequenas e grandes ações têm sobre cada área, e, sobretudo, da magnitude em fomentar a educação dentro de uma sociedade.

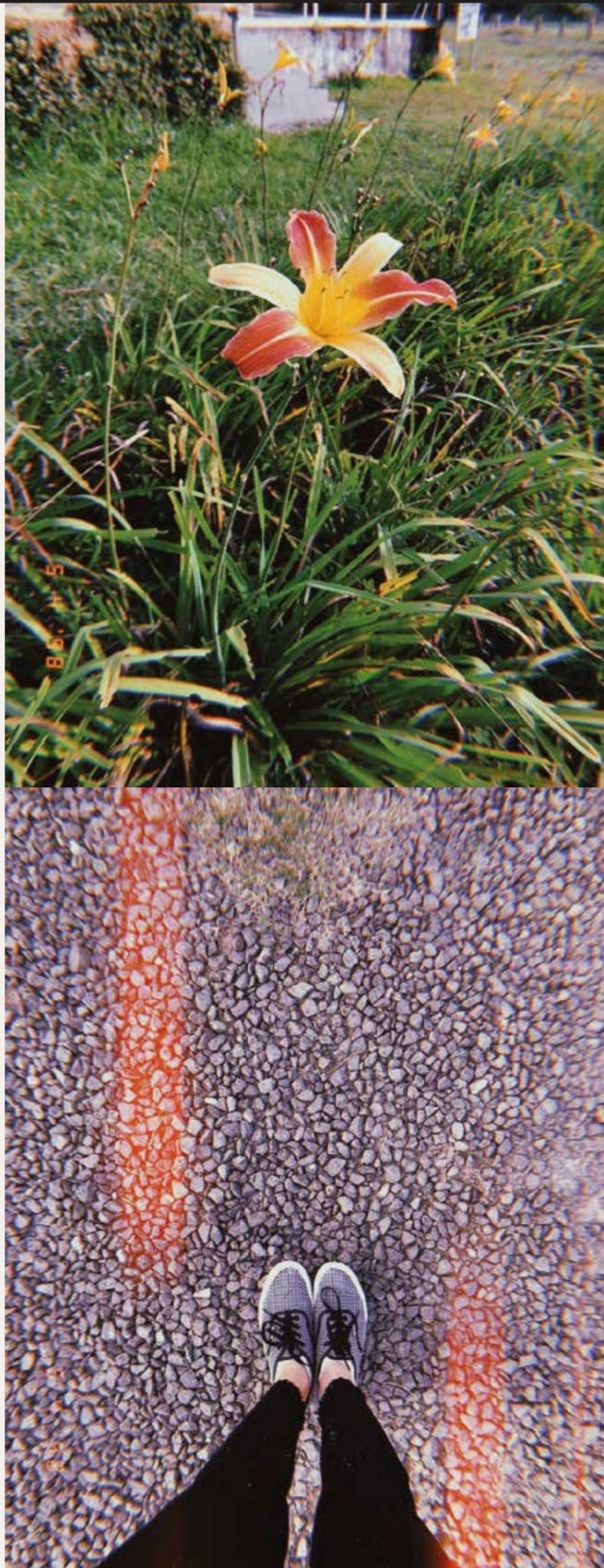
Assim, acredita-se que o projeto trouxe o fator inovação de forma elementar, unindo meios de preservar o recurso da natureza e aproximar as pessoas, interligando, assim, as questões-chave do Programa de Atividades: preservação ambiental; integração com a comunidade local; sustentabilidade, valorização e aplicabilidade da madeira; obtenção de conhecimento científico; e equipamento de lazer, referência e ecoturismo na serra catarinense. Isso foi pensado através de um equipamento múltiplo que enaltece de diferentes formas a cultura serrana, além de ser um projeto alinhado com os interesses econômicos do estado e da cidade, como mostrado na importância dos Roteiros Turísticos Regionais de Santa Catarina. Por isso, acredita-se que é uma proposta que incentiva a economia criativa, fortalecendo-a de forma conjunta aos demais âmbitos que envolvem a sociedade.

Outro aspecto significativo, foi a essência de ser um projeto de experimentação arquitetônica, evidenciando técnicas construtivas, materiais e formas de edificações com o material mais importante da Serra Catarinense – a madeira, que, atualmente, proporciona soluções de madeira engenheirada para realização de projetos arquitetônicos. Sendo assim, trata-se também de entender a realidade, fortalecer suas virtudes e abrir possibilidades inovadoras para solucionar os conflitos. Com isso, é fundamental compreender que a área de projeto faz parte de uma zona de amortecimento que busca, sobretudo, a recuperação da vegetação nativa – e, que quanto maior a participação e a difusão de conhecimento para sociedade, melhores serão os resultados.

Para este TCC, foram realizadas diversas pesquisas, visitas, diálogo com profissionais multidisciplinares e assessoramentos para assimilar as variáveis envolvidas e oportunizar a criação do projeto exibido. Contudo, é indispensável que, para atingir todos os objetivos, sejam necessários os conhecimentos específicos de cada área envolvida – que vai desde a biologia, permeando diversas áreas, até chegar na arquitetura.

Afinal, recordando as motivações iniciais, este TCC é um processo de aprendizagem, de percepção e de construção de um olhar sobre um espaço singular: uma relíquia de Floresta de Araucária em Lages, que precisa ser percebida pela sociedade dentro da escala urbana e dentro da escala humana.

\* Registros fotográficos pela autora, no PARNAMUL, 2021.



## Referências Bibliográficas

- AMPARO, Sandoval dos Santos. Sobre a Organização Espacial dos Kaingáng, uma Sociedade Indígena Jê Meridional. 2010. 117 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- AMURES (Lages). Associação de Municípios da Região Serrana. 2021. Disponível em: <https://www.amures.org.br/>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- ANDRADE, Suelen de; ROSA, Nanci Alves da. REMANESCENTES INDÍGENAS NO PLANALTO SERRANO. Revista História e Diversidade, Cáceres-Mt, v. 10, p. 24-40, 2018.
- BRASIL. INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. Plano de Manejo Floresta Nacional de Canela: volume i diagnóstico. Brasília, 2017. 189 p. Disponível em: [https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/plano-de-manejo/Volume\\_I\\_Diagnostico\\_FN\\_Canela.pdf](https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/plano-de-manejo/Volume_I_Diagnostico_FN_Canela.pdf). Acesso em: 14 maio 2021.
- BRASIL. INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. Plano de Manejo Floresta Nacional de Canela: volume ii planejamento. Brasília, 2017. 189 p. Disponível em: [https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/plano-de-manejo/Volume\\_II\\_Planejamento\\_FN\\_Canela.pdf](https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/plano-de-manejo/Volume_II_Planejamento_FN_Canela.pdf). Acesso em: 14 maio 2021.
- BRASIL. INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE. Encarte 4 - Planejamento da Unidade de Conservação. -: -, 2005. 217 p. Disponível em: [https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/ENCARTE%204\\_p.pdf](https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/imgs-unidades-coservacao/ENCARTE%204_p.pdf). Acesso em: 02 maio 2021.
- BRASIL. INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. (org.). Floresta Nacional de Canela. Disponível em: <https://uc.socioambiental.org/>. Acesso em: 12 maio 2021.
- CURITIBA. SECRETARIA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE. (org.). Croqui Bosque Zanielli/Unilivre. 2021. Disponível em: <https://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/croqui-bosque-zanielliunilivre/284>. Acesso em: 10 abr. 2021.
- CONSELHO NACIONAL DA RESERVA DA BIOSFERA DA MATA ATLÂNTICA. SNUC SISTEMA NACIONAL DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO. São Paulo, 2002. 39 p. Disponível em: [http://www.rbma.org.br/rbma/pdf/Caderno\\_18\\_2ed.pdf](http://www.rbma.org.br/rbma/pdf/Caderno_18_2ed.pdf). Acesso em: 05 maio 2021.
- D'ANGELIS, Wilmar R.; VEIGA, Juracilda. Habitação e Acampamentos Kaingang hoje e no passado. Cadernos do Ceom, Chapecó, p. 213-242, 2003. Disponível em: [www.portalkaingang.org](http://www.portalkaingang.org). Acesso em: 09 mar. 2021.
- ESTÚDIO SUL (Lages) (ed.). EKOMPOSIT. 2021. Disponível em: <https://www.ekomposit.com.br/>. Acesso em: 26 abr. 2021.
- ESTÚDIO SUL (Santa Catarina) (ed.). BOA ESPERANÇA MADEIRAS. 2021. Disponível em: <https://www.boaesperanca.ind.br/>. Acesso em: 16 abr. 2021.
- FECOMERCIO; SEBRAE; FIESC. Rotas Estratégicas Setoriais para a Indústria Catarinense 2022: turismo. Florianópolis: -, 2016. 64 p. Acesso em: 15 abr. 2021.
- FECOMERCIO; SENAC; FIESC. TURISMO CATARINENSE EM MOVIMENTO: turismo. Florianópolis: -, 2020. 40 p. Disponível em: <http://observasctur.com.br/wp-content/uploads/2020/08/Relat%C3%B3rio-Turismo-Catarinense-em-Movimento.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2021.
- FERREIRA, Liz Ivanda Evangelista Pires. Parque Urbano. Paisagem Ambiente: Ensaios, São Paulo, v. 23, p. 20-33, 2007.
- FORQUILHA, Fg Rincão da. Abertura do Caminho dos Conventos – Conforme Francisco de Souza e Faria. 2019. Disponível em: <https://pioneirosdalages.wordpress.com/2019/11/22/abertura-do-caminho-dos-conventos-conforme-francisco-de-souza-e-faria/>. Acesso em: 10 abr. 2022.
- GUARANÍ. Experiências pioneiras de gestão democráticas no Brasil: O caso de Lages. 2014. Disponível em: <https://menteeslucidas.wordpress.com/2014/08/21/experiencias-pioneiras-de-gestao-democraticas-no-brasil-o-caso-de-lages/>. Acesso em: 05 maio 2021.
- IBGE. Governo de Santa Catarina. Lages. 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/lages/panorama>. Acesso em: 28 abr. 2021.
- LAGES. PREFEITURA DE LAGES. Geolages. 2021. Disponível em: <http://geo.lages.sc.gov.br/>. Acesso em: 10 abr. 2021.
- LAGES - SC. João Alberto Duarte. Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Serviços Públicos. Plano de Manejo Participativo Parque Natural Municipal João José Theodoro da Costa Neto. Lages, 2006.
- MMA. Ministério do Meio Ambiente. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br>. Acesso em: 06 maio 2021.
- OMT. Código Mundial de ética do turismo. Santiago do Chile: OMT, 1999.
- PARQUE ESTADUAL DO CARACOL (org.). Parque Estadual do Caracol. 2021. Disponível em: <https://www.parquedo-caracol.com/>. Acesso em: 10 abr. 2021.
- PARQUE ESTADUAL DO CARACOL (org.). História do Parque. 2021. Disponível em: <https://caracol.tur.br/historia/>. Acesso em: 10 abr. 2021.
- SANTA CATARINA. Santur. Governo de Santa Catarina (ed.). Serra Catarinense. 2021. Disponível em: <http://turismo.sc.gov.br/destinos/serra-catarinense/>. Acesso em: 26 abr. 2021.
- SEBRAE (Lages). Cidade Empreendedora - Lages em números. Lages, 2017. 127 p. Disponível em: <https://www.lages.sc.gov.br/pdf/lages-bem-mais-simples/Lages%20em%20Numeros%20-%20Ed.%202017%20-%20Cidade%20Empreendedora.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- SINDIMADEIRA (Lages) (org.). Sindimadeira: um pouco da nossa história. Um pouco da nossa história. 2021. Disponível em: <https://sindimadeira.com.br/>. Acesso em: 16 abr. 2021.
- SILVEIRA, Cláudio R. História da Indústria da Madeira: serra catarinense - 1940-2005. Lages: Leão Baio, 2005. 452 p.
- SOCIOAMBIENTAL CONSULTORES ASSOCIADOS (Florianópolis). Plano de Manejo do Parque Natural Municipal Mata do Rio Uruguai Teixeira Soares. Marcelino Ramos – Rs, 2012. 39 p. Disponível em: [https://www.parqueteixeira-soares.eco.br/restrito/upload/planodemanejo/arquivo\\_1.pdf](https://www.parqueteixeira-soares.eco.br/restrito/upload/planodemanejo/arquivo_1.pdf). Acesso em: 05 maio 2021.
- SUL, Estúdio (ed.). Bem-Vindo a Serra Catarinense: uma terra de vários encantos!. Uma terra de vários encantos!. 2021. Disponível em: <http://serracatarinense.com/index.html>. Acesso em: 15 abr. 2021.
- TURISMO, Ministério do. Ecoturismo: Orientações Básicas. Brasília: Ministério do Turismo, 2008. 64 p. Disponível em: [http://p.download.uol.com.br/guiaamaua/dt/Livro\\_Ecoturismo.pdf](http://p.download.uol.com.br/guiaamaua/dt/Livro_Ecoturismo.pdf). Acesso em: 15 abr. 2021.
- UNILIVRE (org.). Unilivre. 2021. Disponível em: <https://unilivre.org.br/>. Acesso em: 10 abr. 2021.

